



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO – LET
CURSO DE LETRAS TRADUÇÃO – FRANCÊS

ANNA BEATRIZ MENDES DE FREITAS LUCENA

**TRADUZIBILIDADE, PERDA E PAPEL DO TRADUTOR: TRADUZINDO A
METAPOESIA DE MÁRIO QUINTANA**

BRASÍLIA

2023

ANNA BEATRIZ MENDES DE FREITAS LUCENA

**TRADUZIBILIDADE, PERDA E PAPEL DO TRADUTOR: TRADUZINDO A
METAPOESIA DE MÁRIO QUINTANA**

Projeto final de Curso apresentado como
requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel em Letras-Tradução-Francês da
Universidade de Brasília - UnB

Orientadora: Profa. Dra. Ana Helena
Rossi

BRASÍLIA

2023

ANNA BEATRIZ MENDES DE FREITAS LUCENA

**TRADUZIBILIDADE, PERDA E PAPEL DO TRADUTOR: TRADUZINDO A
METAPOESIA DE MÁRIO QUINTANA**

Trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado em 20 de dezembro de 2023 ao Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Bacharel em Letras Tradução – Francês. A candidata foi arguida pela Banca Examinadora abaixo identificada.

Profa. Dra. Ana Helena Rossi

Professora – Presidente da Banca – Orientadora

Prof. Dr. Eclair Antônio Almeida Filho

Professor – Membro Examinador

Prof. Dr. Daniel Teixeira da Costa Araújo

Professor – Membro Examinador

Dedico este trabalho à minha mãe, Giselle de Sousa Freitas, que me deu meu primeiro livro de poesia, ensinou-me a terminar tudo aquilo que eu começo, e lutou para que eu pudesse chegar onde estou agora.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, sobretudo à minha mãe Giselle e ao meu avô Ednaldo, por terem me ensinado que era através do estudo que eu poderia alcançar meus objetivos. Por terem me apoiado e feito de tudo para que eu conseguisse chegar onde estou. Agradeço à minha avó por todas as orações e por ser um exemplo de alegria de viver. Agradeço aos meus irmãos, Handrey e Richard, por terem sido o maior ensinamento que tive na vida e por me estimularem, mesmo sem saber, a não desistir. Agradeço ao meu marido, Lucas, que esteve comigo durante todo o curso, fez com que eu parasse de fugir da arte e da minha poesia, e sempre me estimulou a colocar em prática as habilidades e os conhecimentos obtidos na Universidade. Agradeço à minha prima, Regina, por ter me feito rir e por ter me escutado nas horas de frustração.

Quero agradecer também ao meu amigo Gabriel, por estar ao meu lado quando as dificuldades quase me impediram de terminar o curso. Agradeço aos meus amigos Stefanny, Kim, Caio e Gleyci por me amarem e por estarem sempre dispostos a me escutar. Agradeço aos amigos Gustavo, Mateus, Katila e Luisa, por terem estado comigo durante o meu caminho, mesmo depois que nossos caminhos na Academia se separaram.

Por fim, agradeço à professora Dra. Ana Helena Rossi, por ter ministrado de forma brilhante e estimulante a disciplina de Prática de Tradução de Textos Literários, o que me incentivou ainda mais a seguir pelo caminho da tradução de poesia, e por ter aceitado ser a minha orientadora durante todo o processo de desenvolvimento do presente trabalho de conclusão.

Bia, ama a poesia, e ela te fará nobre!

(Giselle de Freitas)

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Universidade de Brasília – UnB – no âmbito do curso de Letras Tradução – Francês, tem como objetivo a tradução de dez metapoemas do poeta gaúcho Mário Quintana, selecionadas dos livros *Esconderijos do Tempo*, publicado em 1980, *Baú de Espantos*, publicado em 1986 e da antologia poética *Quintana de Bolso: Rua dos Cataventos & outros poemas*, publicada em 1997. Mário Quintana foi um dos poetas brasileiros que mais escreveu sobre o fazer poético, o que possibilita que conheçamos melhor sua visão do que era ser poeta e do que é a poesia. Partindo dos conceitos de perda, traduzibilidade e papel do tradutor, o presente trabalho propõe discutir sobre a concepção de traduzibilidade, perda e compensação no que concerne ao processo tradutório dos dez metapoemas de Mário Quintana. As análises abordam as dificuldades encontradas no referido processo e as possibilidades que surgiram ao longo do processo de conhecimento e tradução do corpus, tais como as escolhas que foram tomadas. A linha teórica empregada se baseou no prefácio “A Tarefa do Tradutor” de Walter Benjamin, aliada à aplicação da metodologia de tradução por etapas proposta pela Professora Dra. Ana Helena Rossi, utilizada na disciplina Prática de Tradução Português-Francês: Textos Literários, do curso de Letras Tradução – Francês da Universidade de Brasília–UnB. O projeto de tradução deu-se em seis etapas, resultando em três versões de tradução de cada poema, sendo a terceira a versão final. O processo tradutório em etapas aliado à linha teórica de Walter Benjamin nos possibilitou constatar de maneira mais clara qual o papel que o tradutor de poesia ocupa em relação ao texto que traduz e o trabalho de traduzir.

Palavras-chave: Tradução; Metapoesia; Quintana; Rossi; Benjamin.

RESUMÉ

Le présent Projet de Fin d'Études présenté à l'Université de Brasília-UnB, pour l'obtention du Diplôme Baccalauréat en Lettres Traduction Français, vise à traduire dix métopoésies du poète brésilien Mário Quintana, sélectionnées dans les livres *Esconderijos do Tempo*, publié en 1980, *Baú de Espantos*, publié en 1986 et dans l'anthologie poétique *Quintana de Bolso: Rua dos Cataventos & outros poemas*, publiée en 1997. Mário Quintana était l'un des poètes brésiliens qui ont le plus écrit sur la pratique poétique, ce qui nous permet de mieux comprendre sa vision de ce que c'était d'être poète et de ce qu'est la poésie. En partant des concepts de perte, de traductibilité et du rôle du traducteur, ce travail propose de discuter la conception de traductibilité, de perte et de compensation au vu du processus de traduction des dix métopoèmes de Mário Quintana. Les analyses abordent les difficultés rencontrées lors du processus de traduction et des possibilités présentes tout au long du processus de connaissance et de traduction du corpus, tels que les choix réalisés. La ligne théorique utilisée se base sur la préface de Walter Benjamin, intitulée «La tâche du traducteur», combiné à l'application de la méthodologie de traduction divisée en étapes proposée par la professeure Dre. Ana Rossi, utilisée dans la pratique de la traduction portugais-français: textes littéraires, du cours de traduction français-portugais de l'Université de Brasília -UnB. Le projet de traduction s'est déroulé en six étapes, résultant en trois versions de traduction de chaque poème. Le processus de traduction par étapes combiné à la ligne théorique de Walter Benjamin nous a permis de voir plus clairement le rôle qu'occupe le traducteur de poésie par rapport au texte qu'il traduit et au travail de traduction.

Mots-clés : Traduction ; Métopoésie ; Quintana ; Rossi ; Benjamin.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Poemas do corpus com os livros onde foram publicados, cidade, edição, editora e ano.....	15
Quadro 2: Definição de <i>Spoutnik</i>	25
Quadro 3: Comentário de tradução sobre “porre” e “veneno”.....	25
Quadro 4: Registro do Diário de Tradução : <i>Spoutnik</i>	26
Quadro 5: Exemplo de resultado obtido com tradução automática.....	27
Quadro 6: Registro do diário de tradução sobre Versão 2 de “Os Poemas”.....	28
Quadro 7: Registro do diário de tradução sobre Versão 2 de “O Poema”.....	28
Quadro 8: Registro do diário de tradução sobre Versão 3 de “Pequeno Poema didático”.....	29
Quadro 9: Registro do diário de tradução sobre Versão 3 de “O poeta canta a si mesmo”.....	29
Quadro 10: Sobre sinônimo de “condenado”.....	34
Quadro 11: Sobre sinônimo de “maravilhado espanto”.....	34
Quadro 12: Modificações em “Pequeno Poema Didático”.....	36
Quadro 13: Segundo exemplo de modificações em “Pequeno Poema Didático”.....	37
Quadro 14: Sobre a perda e a reconstrução de rimas.....	38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. PROJETO DE ESCRITURA	12
2.1. MÁRIO QUINTANA	13
2.3. QUINTANA E A METAPOESIA.....	18
3. PROJETO DE TRADUÇÃO	21
3.1. ETAPAS DO PROJETO DE TRADUÇÃO.....	21
3.1.1. Etapa 1: Escolha dos poemas.....	22
3.1.2. Etapa 2: Análise dos poemas selecionados	23
3.1.3. Etapa 3: Levantamento de palavras desconhecidas	24
3.1.4. Etapa 4: Início da tradução dos poemas de Mário Quintana.....	26
3.1.5. Etapa 5: Segunda versão da tradução dos poemas de Mário Quintana.....	28
3.1.6. Etapa 6: Versão final da tradução dos poemas de Mário Quintana.....	29
3.2. A TRADUÇÃO DAS COISAS SIMPLES.....	30
3.3. A POESIA, O POETA E O TRADUTOR EM WALTER BENJAMIN.....	32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
5. REFERÊNCIAS	43
APÊNDICES	47
APÊNDICE A: Quadro – Matriz.....	47
APÊNDICE B: Palavras e Termos estrangeiros.....	64
APÊNDICE C: Diário de tradução	64

1. INTRODUÇÃO

A tarefa de traduzir não pode ser taxada como uma mera substituição de palavras entre línguas diferentes. Tradução é, sobretudo, um exercício contínuo de pesquisa que abarca, não só a língua, mas a cultura e a história. E sendo a língua viva, a tradução está em constante movimento. O objeto de pesquisa do presente trabalho é um corpus constituído de dez poemas do poeta gaúcho Mário Quintana. É importante dizer que as poesias selecionadas para compor o corpus são metapoemas¹. Isso significa que, para entender as escolhas de tradução e todo o processo tradutório do corpus, é necessário que entendamos a metapoema de Mário Quintana.

O projeto de tradução firmou-se na metodologia proposta pela Professora Dra. Ana Helena Rossi², que define a tradução como “um processo que compreende distintas etapas interligadas entre si por questões epistemológicas referentes à construção do saber.” (2019, p. 136). A metodologia adotada possibilitou uma compreensão mais clara da prática de tradução como um processo que se desenvolve ao longo do projeto de tradução, o que, por sua vez, nos possibilitou atingir o objetivo de analisar as questões de traduzibilidade, perda e papel do tradutor na tradução de poesia, sob a ótica da linha teórica de Walter Benjamin.

Salienta-se que os dez poemas foram escolhidos a partir das obras *Esconderijos do tempo* (1980)³, *Baú de espantos* (1986)⁴, e *Quintana de Bolso: Rua dos cataventos & outros poemas* (1997)⁵.

Conhecido por fazer versos sobre coisas da vida cotidiana, Mário Quintana dedicou grande parte de sua escrita a compor Metapoemas⁶, que são poesias nas quais a poesia é a matéria de si mesma. Essa prática nos permite compreender como o poeta entende a

¹ A definição de Metapoema está disponível na sessão 3.3. QUINTANA E A METAPOEMA do presente trabalho.

² Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, e nos programas PROSTRAD e POSLIT da Universidade de Brasília.

³ Edição e-book lançada em 2013 pela editora Alfaguara.

⁴ Edição e-book lançada em 2014 pela editora Alfaguara.

⁵ Edição do livro físico lançada em 2019 pela editora L&PM POCKET.

⁶ Segundo a Oxford Languages, metapoema é “LITERATURA:

poema em que o autor reflete sobre o processo de criação poética ou do poema que ele próprio verseja”. Disponível em <

https://www.google.com/search?q=metapoema+defini%C3%A7%C3%A3o&aq=metapoema+defini%C3%A7%C3%A3o&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIICAEQABgWGB4yCAgCEAAYFhge0gEI MzcMmowajeoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em 29 de novembro de 2023.

poesia e o seu papel em relação a ela. Partindo das definições de Metapoesia⁷, e analisando os metapoemas de Mário Quintana, demos início ao projeto de tradução apresentado no presente Trabalho de Conclusão de Curso.

Para que pudéssemos realizar o projeto proposto e chegar no objetivo almejado, estruturamos o projeto de pesquisa da seguinte forma: na primeira parte (PROJETO DE ESCRITURA), apresentamos o Corpus, onde há a apresentação dos poemas selecionados para serem traduzidos com uma breve interpretação, que nos permite explicar o motivo de optarmos por traduzir a metapoesia de Mário Quintana. Trazemos, também, a biografia do autor e uma análise da sua relação com a metapoesia.

Na segunda parte do trabalho (PROJETO DE TRADUÇÃO), apresentamos as etapas que construíram o projeto de tradução, com detalhes da organização do processo tradutório e da metodologia aplicada, bem como a aplicação da linha teórica benjaminiana na pesquisa sobre “traduzibilidade”, “perda”, “compensação” e a atuação do tradutor da tradução de poesia.

Na conclusão (CONSIDERAÇÕES FINAIS), discutimos os pontos que foram levantados durante a realização deste trabalho e do projeto de tradução, sobre a importância do tradutor de poesia conhecer bem o texto que ele está traduzindo, sobre saber como lidar com a perda na prática de tradução sob o prisma da teoria benjaminiana, e em que medida a realização deste trabalho nos ajuda a compreender a importância do papel do tradutor em relação ao que ele traduz.

2. PROJETO DE ESCRITURA

No projeto de escritura serão apresentadas a biografia de Mário Quintana e as características de sua escrita, sobretudo no que diz respeito a “metapoesia”, assunto que será desenvolvido com maior profundidade em “3.3. QUINTANA E A METAPOESIA”, para o maior entendimento do conteúdo, conforme dados nos anexos.

⁷ As definições estão nas sessões 3.2 CORPUS e 3.3. QUINTANA E A METAPOESIA.

2.1. MÁRIO QUINTANA⁸

Mário de Miranda Quintana foi um poeta, tradutor e jornalista brasileiro, que nasceu em 30 de julho de 1906 na cidade de Alegrete (RS). Era filho do farmacêutico Celso de Oliveira Quintana e de Virgínia de Miranda Quintana. Iniciou seus estudos em sua cidade natal e mudou-se para Porto Alegre em 1919 para estudar em regime de Internato no Colégio Militar. Foi nessa época que Mário Quintana publicou seus primeiros versos na revista literária dos alunos do Colégio Militar, *Hyloea*⁹, fundada em 1922. Publicou um soneto no jornal de Alegrete com o pseudônimo “JB” em 1923 e, no ano seguinte, deixou o Colégio Militar e começou a trabalhar na *livraria Globo* como atendente. Em 1925, voltou para sua cidade natal para trabalhar na farmácia da família. Perdeu sua mãe em 1926 e decidiu morar em Porto Alegre e, nessa mesma época, fora premiado em um concurso de contos do jornal “Diário de Notícias” com o conto “A sétima Passagem”. Seu pai morreu no ano seguinte.

Mário Quintana começou a trabalhar como tradutor na redação do jornal *O Estado do Rio Grande* em 1929, e em 1930, alguns de seus versos foram publicados pela *Revista Globo* e pelo *Correio do Povo*. Na Revolução de 1930, o jornal *O Estado do Rio Grande* foi fechado e Mário Quintana foi para o Rio de Janeiro, onde se voluntariou para o 7.º Batalhão de Caçadores de Porto Alegre, mas seis meses depois retomou seu trabalho no jornal. Sua primeira tradução foi publicada em 1934, tratava-se da tradução do livro *Palavras e Sangue*, do autor Giovanni Papini. Mário Quintana também traduziu autores como Emil Ludwig, Voltaire e Virginia Woolf. O poeta traduzia principalmente autores franceses e ingleses. Segundo Maria da Glória Bordini, no capítulo “O Tradutor poeta” do livro *Cadernos da Literatura Brasileira*, n.25:

(...) Na época, era costume traduzir indiretamente, e o poeta se valia de versões em geral em língua francesa – que ele aprendeu com a mãe em criança – para as traduções a ele encomendadas. O trabalho era esporádico, mas não deixava de ser uma fonte de sustento, dado que Henrique Bertaso pagava escrupulosamente cada texto na entrega dos originais (Bordini, 2009, p. 130).

⁸ As informações sobre a biografia de Mário Quintana foram obtidas no portal da L&PM EDITORES: **Mário Quintana: Vida & Obra**. (Texto de Ernani Ssó publicado em *Ora bolas – o humor de Mario Quintana*) Disponível em https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID=0&SubsecaoID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=640836> Acesso em 10 de maio de 2023.

⁹ Mais informações sobre a revista podem ser encontradas no site da Hyloea. Disponível em <http://www.ebrevistas.eb.mil.br/hyloea/index>> Acesso em 18 de outubro de 2023.

Uma de suas traduções mais famosas é a do livro *Em Busca do Tempo Perdido*, de Marcel Prost. Mario Quintana também trabalhou com Érico Veríssimo em 1936 na Livraria do Globo. Seus textos foram publicados na revista *Ibirapuitã* nessa época.

Em 1940, Mário Quintana publicou *A Rua dos Cataventos*, seu primeiro livro de sonetos. Em seguida, uma profusão de publicações se seguiu, como os livros *Canções* (1946), *Sapato Florido* (1948), *O Batalhão das Letras* (1948), *O Aprendiz de Feiticeiro* (1950), *Espelho Mágico* (1951), *Caderno H* (1973), *Pé de Pilão* (1975), *Apontamentos de História Sobrenatural* (1976), *A Vaca e o Hipogrifo* (1977), *Na Volta da Esquina* (1978), *Esconderijos do Tempo* (1980), *Lili Invento o Mundo* (1983), *O Sapo Amarelo* (1984), *Novas Antologias Poéticas* (1985), *Baú de Espantos* (1986), *A Cor do Invisível* (1989), *Velório sem Defunto* (1990) e *Sapato Furado* (1994).

Em 1966, sua *Antologia Poética*, organizada por Rubem Braga e Paulo Mendes Campos, foi publicada. Continha sessenta poemas e foi lançada para comemorar os sessenta anos do poeta. Por essa razão, Mário Quintana foi saudado na Academia Brasileira de Letras por Augusto Meyer e Manuel Bandeira, que recitou o poema “Quintanares”, escrito em homenagem ao colega. Ganhou, no mesmo ano, o Prêmio Fernando Chinaglia da União Brasileira de Escritores de melhor livro do ano e em 1976, recebeu a medalha “Negrinho do Pastoreio” do governo do estado do Rio Grande do Sul. Academia Brasileira de Letras negou-lhe a entrada três vezes, pois as razões eleitorais da instituição não permitiam que ele alcançasse os vinte votos que eram necessários para que ocupasse uma cadeira. No início da década de 80, deu-lhe o Prêmio Machado de Assis¹⁰ pelo conjunto de sua Obra. É interessante ressaltar que, quando fora convidado a se candidatar pela quarta vez, Mário Quintana recusou, mesmo com a garantia da unanimidade dos votos dos colegas. Em uma entrevista concedida à Edla Van Steen, publicada no livro “*Viver & Escrever*” em 1981, quando questionado sobre a Academia Brasileira de Letras, o poeta diz:

As homenagens que recebi foram espontâneas, não partiram de mim ou dos meus empenhos. Quanto aos prêmios literários, tanto o Fernando Chinaglia, 1966, para o melhor livro do ano, como o Prêmio Pen Clube de Poesia, 1977, para os Apontamentos de História Sobrenatural não dependiam de inscrição. Para a Academia é preciso o próprio candidatar-se, mexer os pauzinhos.

¹⁰ O Prêmio Machado de Assis foi criado pela Academia Brasileira de Letras (ABL) em 1941, e é entregue a autores que se destacam pelo conjunto de sua obra. Os membros da Academia, conhecidos como “imortais”, escolhem os vencedores. Essa informação foi obtida no portal da Academia Brasileira de Letras. Disponível em < <https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letras-retoma-premio-machado-de-assis-e-premia-o-escritor-ruy-castro> >. Acesso em 22 de novembro de 2023.

Ainda mais, eu tenho a coragem de não animar-me a solicitar pessoalmente o voto a cada um dos acadêmicos, como é de praxe obrigatória. A vida do acadêmico, por outro lado, é dispersiva. As Academias são uma espécie de sociedades recreativas e funerárias (Van Steen, 1981).

Segundo o poeta, continuar concorrendo seria “uma comédia”. Em uma entrevista concedida à Joana Belarmino e Lau Siqueira, publicada no jornal paraibano “*O Norte*” em janeiro de 1987, o poeta declarou:

(...) Eu acho que ultimamente a Academia virou um depósito de ministros e com o perdão de alguns amigos que eu tenho lá, um asilo de velhos. Mas eu não tenho nada contra a Academia. De fato não há contradição minha em lamentar que não tenha sido eleito porque eu tensionava fazer tudo pela Academia, se fosse eleito. Acho que, antes de tudo, ela deveria ter muita gente jovem. Eu acho que já seria uma renovação e acabava com aquela coisa. Na academia, já não gostaram muito de mim porque dois anos antes da minha candidatura eu tinha dito que a Academia era uma espécie de sociedade recreativa e funerária (O Norte, 1987).

Mário Quintana nunca se casou e nem teve filhos. Morou em infinitas pensões e hotéis e tinha fama de cortejar mulheres, contudo a poesia, embora considerada por ele um “vício triste”¹¹, era sua maior companhia. No dia 5 de maio de 1994, Mário Quintana faleceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, vítima de insuficiência respiratória e cardíaca.

2.2. CORPUS DA PESQUISA

O corpus do presente trabalho é composto por 10 poemas do poeta brasileiro Mário Quintana, retirados de três livros, a saber: *Esconderijos do tempo* (2013), *Baú de espantos* (2014) e *Quintana de Bolso: Rua dos cataventos & outros poemas* (2019). Foram selecionados os poemas: *O pobre poema*, *Os poemas*, *Selva selvaggia*, *O poema*, *Pequeno poema didático*, *O poema apesar de tudo*, *Eu escrevi um poema triste*, *Eu fiz um poema*, *O poeta canta a si mesmo e O poeta e a ode*. A seguir, pode-se observar um quadro com os livros em ordem de publicação e os poemas tirados de cada um para a realização do presente trabalho:

Quadro 1:

Poemas do corpus com os livros onde foram publicados, cidade, edição, editora e ano

Poemas Selecionados	Título da Obra	Cidade/Edição	Editora	Ano
---------------------	----------------	---------------	---------	-----

¹¹ No poema *Canção do Amor Imprevisto*, o poeta diz que a sua poesia é um “vício triste”.

1. Os Poemas 2. O Poeta Canta a Si Mesmo 3. Selva Selvaggia 4. Eu Fiz um Poema	<i>Esconderijos do Tempo</i>	Rio de Janeiro/ 1ª ed.	Alfaguara	2013
5. O Poema Apesar de Tudo 6. O Pobre Poema	<i>Baú de Espantos</i>	Rio de Janeiro/ 1ª ed.	Alfaguara	2014
7. O Poema 8. Pequeno Poema Didático 9. Eu Escrevi um Poema Triste 10. O Poeta e a Ode	<i>Quintana de Bolso: Rua dos cataventos & outros poemas</i>	Porto Alegre/ 1ª ed.	L&PM POCKET	2019

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Outubro de 2023

Os oito primeiros poemas que compõem o corpus são metapoemas, prática literária muito utilizada por Mário Quintana em sua obra. Considera-se como texto metapoético aquele que apresenta em primeiro plano preceitos que os autores consideram ser essenciais para o fazer poético. Assim, “a metapoesia deve ser entendida como obras líricas que se referem, de alguma forma, a sua existência como construções artísticas as quais sempre incluem uma avaliação ou exame da própria poesia.” (Massagli, 2019, p. 26). Os dois últimos poemas colocam em evidência a figura do poeta, prática também vista de forma recorrente nas poesias de Quintana. O poeta, por vezes, discutiu e expressou sua preocupação com o fazer poético, a natureza da poesia, a função do poeta e a sua relação com sua obra.

Podemos observar, no poema “Da própria obra”, originalmente publicado na obra *Espelho Mágico*, e retirado da antologia *Quintana de bolso: Rua dos cataventos & outros poema*, elementos dessa característica:

Exalça o Remendão seu trabalho de esteta...
Mestre Alfaiate gaba o seu corte ao freguês...
Por que motivo só não pode ao Poeta
Elogiar o que fez? (Quintana, 2019, p. 44)

Falar de poesia em suas poesias era um costume de Mário Quintana, assim, todos os poemas selecionados para compor o corpus do presente trabalho trazem, cada um à sua maneira, a poesia, ou o poeta, como tema. Como se pode observar no poema “O poeta e a ode” (2019), onde Quintana retrata o poeta como um animal altivo e elegante como um cavalo de circo.

Observa-se, também, como a poesia ganha vida e é personificada na escrita de Quintana como, por exemplo, em “O pobre poema” (2014), onde o poeta diz que o poema que ele escreveu é um “menininho condenado” que nasceu no mundo errado:

O Pobre Poema

Eu escrevi um poema horrível!
 É claro que ele queria dizer alguma coisa...
 Mas o quê?
 Estaria engasgado?
 Nas suas meias-palavras havia no entanto uma ternura
 mansa como a que se vê nos olhos de uma criança
 doente, uma precoce, incompreensível gravidade
 de quem, sem ler os jornais,
 soubesse dos seqüestros
 dos que morrem sem culpa
 dos que se desviam porque todos os caminhos estão tomados...
 Poema, menininho condenado,
 bem se via que ele não era deste mundo
 nem para este mundo...
 Tomado, então, de um ódio insensato,
 esse ódio que enlouquece os homens ante a insuportável
 verdade, dilacerei-o em mil pedaços.
 E respirei...
 Também! quem mandou ter ele nascido no mundo errado? (Quintana, 2014, p.337)

O poeta atribui, em sua poesia, características e sensações humanas ao eu lírico – o poema – quando o chama de “menininho condenado”, dizendo que ele “nasceu” no mundo errado. Essas são características que, de certa maneira, personificam o poema. Sobre “personificação”, pode-se dizer que:

(...) é uma das figuras de linguagem classificadas como figura de pensamento. Muito presente na literatura, ela utiliza de características humanas (seres animados) para atribuir sentimentos, qualidades e ações aos seres irracionais e objetos inanimados. Além de ser um recurso muito utilizado nos textos literários, também está presente na música e nas expressões linguísticas do cotidiano. (...)Assim como as outras figuras de linguagem, a personificação se caracteriza pelo sentido conotativo, ou seja, confere uma subjetividade na emissão das ideias. Presente na linguagem oral e na linguagem escrita, ela tem o objetivo de intensificar a transmissão da mensagem se apoiando em sentimentos que criam um universo abstrato e poético (Mendes, 2019)¹².

É possível observar que o poeta também gostava de comparar e apresentar a poesia como um animal ou ação, como podemos ver na primeira estrofe da poesia “*O Poema*”:

O POEMA

Um poema como um gole d’água bebido no escuro.
 Como um pobre animal palpitando ferido.
 Como pequenina moeda de prata perdida para sempre (Quintana, 2019)

¹² Texto completo sobre “Personificação” encontrado no site Educa Mais Brasil. Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/personificacao>> Acesso em 18 de outubro de 2013.

Na primeira estrofe desse poema, Quintana equipara a poesia com “um gole d’água bebido no escuro”, com um “animal ferido” e com uma “pequena moeda de prata”. Não é difícil encontrarmos esse tipo de comparações e equiparações na metapoesia de Mário Quintana. Essa característica nos ajuda a identificar a relação que o poeta tinha com o fazer poético e o que ele acreditava ser a poesia. Sendo assim, é correto afirmar que a metapoesia de Mário Quintana foi o critério principal na escolha dos poemas que compõem o corpus do presente trabalho.

2.3. QUINTANA E A METAPOESIA

Por fazer versos sobre o cotidiano, de maneira bem humorada e singela, Mário Quintana ficou conhecido como “o poeta das coisas simples”, e explorou diversos temas em seus poemas ao longo de sua vida. Ele escrevia sobre o amor, o desencontro, a vida e a morte de uma forma considerada, por muitos, simples e cristalina. Contudo, não é certo dizer que a escrita de Mário Quintana era simplória. Seu estilo é marcado pela ironia, lirismo e profundidade. Em sua aparente leveza, o conjunto da obra de Quintana é denso e, segundo Tânia Franco Carvalhal, a leitura da poesia de Quintana permite que identifiquemos traços específicos que tornam a sua obra inconfundível no panorama da literatura brasileira (Carvalhal, In: Quintana, 2007, p.13).

Dentre os diversos temas explorados pelo poeta, pode-se destacar um que protagonizou, em sua vasta obra, uma de suas maiores preocupações: o fazer poético. Estamos falando de “metapoesia”. Entende-se que no texto metapoético, a poesia é a sua própria matéria. Nesse contexto, o poeta expõe a sua consciência e a sua própria crítica sobre aquilo que ele compreende como poesia e fazer poético. É uma expressão de seu entendimento sobre a relação da palavra com o mundo. De acordo com o *Dicionário Estraviz*, define-se como “metapoema” o “Poema em que o autor atua como crítico para analisar o próprio poema e julgar a sua capacidade criativa.” (Estraviz, 2023)¹³. Segundo Charles Odevan Xavier, em seu artigo “O Metapoema em Drumond”:

A metatextualidade, genericamente chamada de metalinguagem, é a mensagem centrada no código (definição de Samira Chalub no seu *Funções da Linguagem*). Desse modo, seguindo o raciocínio de Chalub, o metapoema é um poema que fala do ato criativo, da dificuldade de seu material – a palavra –, do conflito pedregoso diante da folha branca como “uma pedra no

¹³ Disponível em <<https://www.estraviz.org/metapoema>>. Acesso em 19 de outubro de 2023.

meio do caminho”, da palavra que é de uso de todas e que, no poema, necessita ser singular e exata para bem dizer-se (Xavier, 2002)¹⁴.

Seguindo essa linha de raciocínio, podemos considerar que, ao construir um texto metapoético, o autor está trabalhando com a sua visão pessoal e crítica sobre o seu próprio trabalho como poeta e sua visão sobre o que é a poesia. Em uma entrevista com Araken Távora, concedida ao programa *Encontro Marcado*, que era exibido pela TV Educativa nos anos 90, ao ser questionado sobre o que é ser poeta, Mário Quintana declara:

Para mim, “ser poeta”, significa, antes de tudo, “ser gente”, “eu gente”. E para “ser gente”, com o perdão da redundância, no meu caso é ser eu mesmo. E por que é uma afirmação do “seu eu”? Porque a poesia, para mim, não é uma fuga da realidade, como os outros pensam, é um aprofundamento da visão da realidade. É o aprofundamento da visão que a gente tem da vida, e o aprofundamento em si mesmo. A poesia para mim é um instrumento de reconhecimento do meu mundo, do mundo dos outros e talvez dos outros mundos. (Quintana, 1990)¹⁵

Mário Quintana é conhecido com um dos poetas brasileiros que mais escreveu sobre a poesia, a relação e o compromisso do poeta com a própria obra. Isso revela a preocupação que o autor tinha em relação ao fazer poético e, quando escrevia sobre o tema, revelava muito de seu próprio estilo. Pode-se observar um pouco desse aspecto em “o poema”, da obra *O Aprendiz de Feiticeiro*, quando Mário Quintana define o que o poema é:

O poema é uma pedra no abismo
O eco do poema desloca os perfis:
Para bem das águas e das almas
Assassinemos o poeta (Quintana, 2007, p.203)

O poeta usa uma metáfora¹⁶ para definir o que é o poema, que ele afirma ser “uma pedra no abismo”, algo ínfimo, ou não, em movimento rumo a uma íngreme e talvez até inexplorada descida. E enquanto isso, seu eco desloca os perfis. Apenas o reflexo de seu som pode deslocar os perfis, mudar as coisas de seu lugar, afetar o silêncio. O poeta

¹⁴ Disponível em <https://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.php?cod=6123&cat=Artigos&vinda=S>. Acesso em 22 de novembro de 2023.

¹⁵ CORTES FILOSÓFICOS – SINTETIZANDO CONCEITOS. Mário Quintana – Encontro Marcado. YouTube, 2013. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ujJHrfxuwyc>. Acesso em 19 de outubro de 2023.

¹⁶ Por definição, “metáfora” é uma “Figura de linguagem em que há uma transferência do significado de uma palavra para outra, por meio de uma comparação não explícita”(RIBEIRO, Débora) Definição encontrada em “Dício: Dicionário Online de Português”. Disponível em <https://www.dicio.com.br/metáfora/>. Acesso em 19 de outubro de 2023.

acrescenta que para o bem das águas e das almas, que concluímos serem vítimas do mero eco do poema, devemos assassinar o poeta. Aquele que deu vida à pedra no abismo. O poema faz o leitor questionar a intenção do poeta. Por que razão o poema é uma pedra no abismo e qual seria o fim dele caso rolasse abismo abaixo? Ele ficaria perdido? Encontraria novos destinos? Quebraria em mil pedaços e tomaria uma nova forma? O poema criado como pedra, após rolar pelo abismo, já não estaria mais sob o controle de quem o fez. Fora a queda livre, o poeta o deixou rolar para que pudesse encontrar novos destinos, novas interpretações. As novas leituras trazem novas perguntas, com diversas respostas. Pode-se interpretar que o “poema-pedra” rolou no abismo das palavras e parou na página de algum livro, esperando ser encontrado e lido. Mário Quintana escreveu muito e de muitas maneiras sobre a poesia e o poeta. Na maioria das vezes podemos notar que o poeta é colocado como agente a serviço da poesia, pois em Quintana temos a apresentação de uma poesia viva, dotada de vontade e desejos próprios. Como podemos observar no poema “Emergência”, da obra *Apontamentos de História Sobrenatural*:

Quem faz um poema abre uma janela,
Respira, tu que estás numa cela Abafada,
Esse ar que entra por ela,
Por isso é que os poemas têm ritmo
Para que possas profundamente respirar.
Quem faz um poema salva um afogado (Quintana, 2007 p.395).

Quando analisamos os versos de “Emergência”, podemos ver um pouco de como Quintana enxergava a relação entre o poeta e a poesia. É como o criador e a criatura, que precisou do sopro para respirar. O poeta não criou apenas o poema como se ele fosse um objeto de seu desejo, uma extensão de sua vontade. Ele abriu a janela para que a criatura pudesse respirar, pudesse ter seu ritmo, tomar a sua forma. Como se “ser poeta” fosse fazer a ponte entre a poesia, que já existe, mas não consegue respirar sozinha, e seu fôlego, que é o que a faz permanecer viva. Há uma relação rica e profunda entre o poeta, a poesia e as palavras. Tomando a metapoesia como um recurso utilizado pelos poetas para transmitir o que eles entendem sobre o que é poesia e sobre como ela deve ser feita, é correto afirmar que um metapoema reflete a essência da relação “poeta e poesia”. Tal relação é revelada por cada poeta de forma única, visto que se trata da concepção pessoal de cada um.

Em relação à metapoesia de Mário Quintana, é possível que a interpretemos como densa, musical, ácida e única, como a própria alma do poeta. Por mais romantizada que

possa parecer essa afirmação, para a prática tradutória de textos literários ela é muito importante, visto que nos mostra que, enquanto tradutores, temos o dever de preservar essa relação na tradução. E para preservá-la, é necessário que primeiro nos dediquemos a conhecê-la e interpretá-la.

3. PROJETO DE TRADUÇÃO

O projeto de tradução será dividido e explicado em três tópicos. O primeiro (3.1) discute sobre as fases pelas quais o processo de tradução dos dez poemas de Mário Quintana passou do início ao fim. O segundo (3.2) trará uma breve discussão sobre a experiência de traduzir Mário Quintana. O terceiro (3.3) mostrará como o prefácio *A tarefa do tradutor* de Walter Benjamin, de 1923, foi compreendido e aplicado na prática de tradução dos dez poemas.

3.1. ETAPAS DO PROJETO DE TRADUÇÃO

Durante a disciplina de Prática de Tradução – Textos Literários – Português-Francês – disciplina obrigatória do curso de Letras Tradução – Francês, do Departamento de Linguas Estrangeiras e Tradução da Universidade de Brasília –, ministrada pela Professora Dra. Ana Helena Rossi, somos apresentados, como alunos, a uma metodologia que nos orienta a trabalhar com o processo tradutório por etapas. A primeira etapa consiste na escolha do texto a ser traduzido, que passava pela validação da professora e era seguida pela leitura crítica do texto para que o encarássemos, como tradutores em formação, fora do senso comum. O processo tradutório era iniciado a partir da escolha e da explicação dos critérios de escolha do texto.

Após a primeira etapa, damos início às etapas que compreendem as versões de tradução. Essas versões são retomadas, relidas e comparadas para que possamos ter uma melhor compreensão sob as escolhas tradutórias e os caminhos que foram tomados em cada uma delas. Todo esse processo é registrado em forma de diário, o que nos permite analisar e produzir material de conhecimento de tradução. A Dra. Ana Helena Rossi, em

seu artigo intitulado *Tradução como Construção de Conhecimento: Experiências na Universidade de Brasília*¹⁷, afirma:

Nesse tipo de percurso metodológico, alcançam-se dois resultados: (1) o texto traduzido, e (2) o material crítico/discurso sobre a tradução que é também um conhecimento pertencente à tradução. Assim fazendo, o tradutor torna-se pesquisador da tradução na medida em que produz dados a partir das pesquisas realizadas, organizou-os, sistematizou-os, analisou-os e interpretou-os (Rossi, 2019, p. 143).

Nas etapas de elaboração das versões, utiliza-se o recurso de quadros, sendo o principal chamado de “quadro matriz”, que contém todas as versões da tradução do texto escolhido. Eles são organizados a fim de deixar cada uma das versões realizadas claras para análise, contendo também os comentários sobre a realização das mesmas. A metodologia aprendida nas aulas da Dra. Ana Helena Rossi fora adaptada para ser aplicada na realização do projeto de tradução elaborado no presente trabalho.

O projeto de tradução é a articulação progressiva por parte do tradutor entre a intenção da tradução e a sua realização concreta. É a construção entre pensar a tradução idealmente e sua construção progressiva sob a forma de um discurso coerente e coeso. O projeto de tradução traz à luz o que e como o tradutor traduz, suas escolhas tradutórias. Isto permite que as categorias analíticas sejam expostas (Rossi, 2019, p. 144).

O projeto de tradução dos dez poemas de Mário Quintana passou, essencialmente, por seis fases: escolha dos poemas a serem traduzidos, análise dos poemas escolhidos, levantamento de palavras desconhecidas, início da tradução, segunda versão da tradução e versão final da tradução. A seguir, falaremos mais detalhadamente sobre cada etapa.

3.1.1. Etapa 1: Escolha dos poemas

Na primeira etapa do projeto de tradução, foi decidido que o corpus do presente trabalho seria composto por dez poemas de Mário Quintana, que seriam selecionadas seguindo alguns critérios: deviam ser metapoemas e conter mais de uma estrofe. Por essa razão, por exemplo, nenhum dos poemas do livro *Espelho Mágico*, foi selecionado, visto que o livro é formado por quadras, que são poemas formados por uma estrofe de quatro versos. Levando em consideração que Mário Quintana escreveu diversos metapoemas, e concentrado a seleção nos livros *Esconderijos do tempo* (2013), *Baú de espantos* (2014) e *Quintana de Bolso: Rua dos cataventos & outros poemas* (2019), foram escolhidos para tradução os seguintes poemas: *O pobre poema*, *Os poemas*, *Selva selvaggia*, *O*

¹⁷ Disponível em <<http://univates.br/revistas/index.php/signos/article/view/2189>>. Acesso em 20 de outubro de 2023.

poema, Pequeno poema didático, O poema apesar de tudo, Eu escrevi um poema triste, Eu fiz um poema, O poeta canta a si mesmo e O poeta e a ode.

3.1.2. Etapa 2: Análise dos poemas selecionados

A segunda etapa foi a de análise, onde foi feita a leitura em voz alta de todos os poemas e a análise de cada um deles, a fim de identificar, para além da interpretação textual e poética, o estilo, o vocabulário e a rítmica de cada um, com o objetivo de conhecer mais profundamente o texto a ser traduzido. Aqui, além da interpretação textual, também foram analisadas as questões de métrica e rima, a fim de conhecer a escrita do poeta e a estrutura original do texto antes do início da tradução. Como, por exemplo, ao analisarmos o poema “O poema”, vemos que ele é composto de versos livres, característica comum da poesia modernista¹⁸.

O POEMA

Um poema como um gole d’água bebido no escuro.

Como um pobre animal palpitando ferido.

Como pequenina moeda de prata perdida para sempre

[na floresta noturna.

Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa

[condição de poema.

Triste.

Solitário.

Único.

Ferido de mortal beleza (Quintana, 2019).

Dedicar um tempo a fazer esse tipo de observação é importante, pois abre os horizontes para que o tradutor conheça o texto e o autor que irá traduzir. Quando nos referimos a Quintana, depois de lermos sua poesia, podemos ver que na tradução vamos nos deparar com poemas de versos livres, brancos, ou não. No poema “Eu escrevi um poema triste”, selecionado do livro *Quintana de Bolso: Rua dos cataventos & outros poemas* (2019), diferentemente do que vemos em “O Poema”, Mário Quintana constrói versos com rimas mistas, o que pode ser evidenciado com mais clareza ao usarmos as letras (A,B,C,D,E,F)¹⁹ para representar cada tipo de rima:

¹⁸ o verso livre foi o principal instrumento de reação modernista à hegemonia parnasiana, e suas correspondentes concepções de versificação formal rígida e de um temário poético pretensamente erudito previamente definido e afastado dos aspectos prosaicos da vida comum e do cotidiano. (Botelho,A.). Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ln/a/zWhrs3mJWv8pPTLJ3wp3dMn/#> >. Acesso em 29 de novembro de 2023.

¹⁹ Esse é um recurso padrão para separar e identificar conjuntos de rimas, sobretudo, quando falamos sobre “rimas externas”. Cada letra corresponde a um conjunto de fonemas que é repetido ao longo da poesia (rima). Sendo assim, temos o conjunto de rimas (A), (B), (C), e assim por diante. Esse recurso também é o que nos permite classificar o tipo de rima, por exemplo: intercalada (ABBA); alternada (ABAB); emparelhada (AABB); misturada (quando não há uma configuração marcada). Disponível em <

Eu escrevi um poema triste
 Eu escrevi um poema triste(A)
 E belo, apenas da sua tristeza.(B)
 Não vem de ti essa tristeza(B)
 Mas das mudanças do Tempo,(C)
 Que ora nos traz esperanças(D)
 Ora nos dá incerteza...(B)
 Nem importa, ao velho Tempo,(C)
 Que sejas fiel ou infiel...(E)
 Eu fico, junto à correnteza,(B)
 Olhando as horas tão breves...(F)
 E das cartas que me escreves(F)
 Faço barcos de papel!(E) (Quintana, 2019, p.150)

Estarmos cientes das características presentes no texto original enriquece a prática de tradução, visto que ao traduzirmos poesia, devemos levar cada uma dessas características em conta. Durante a tradução, temos que levar em consideração a forma original do texto, qual é o seu ritmo, o tipo de rima presente, como ele foi originalmente estruturado para que possamos reconstruí-lo da melhor maneira durante o processo tradutório. É possível dizer que os dez poemas selecionados não pertencem a um estilo único de escrita. A Poesia Modernista Brasileira foi caracterizada por valorizar liberdade de criação, versos livres e fragmentação, com caráter irônico, linguagem coloquial, trazendo temáticas contemporâneas, sociopolíticas e discussões sobre conflito existencial²⁰. Apesar de ser considerado um poeta moderno, Quintana nunca se considerou pertencente a nenhuma escola, optando por passear em sua escrita por diversas correntes.

Nunca pertenci a escola poética nenhuma. Escolas poéticas são coisas da moda. É o mesmo que embarcarmos todos no mesmo navio. Quando passa a moda, o navio naufraga e vão todos para o fundo. Mas, ao mesmo tempo que escrevi um soneto no Caderno H, escrevia coisas que, naquele tempo, se poderiam chamar de surrealistas. Escrevia também poemas em prosa. Fiz todos os gêneros poéticos (QUINTANA, 2009, p.38)²¹.

3.1.3. Etapa 3: Levantamento de palavras desconhecidas

A terceira etapa corresponde ao levantamento de palavras desconhecidas, a fim de pesquisar seus respectivos significados e, desse modo, evitar futuros equívocos durante a tradução. No poema “O poema apesar de tudo”, por exemplo:

<https://vestibulares.estrategia.com/portal/materias/portugues/tipos-de-rimas/> >. Acesso em 22 de novembro de 2023.

²⁰ Ler mais em: Botelho, A. "O Modernismo como Movimento Cultural: uma sociologia política da cultura". Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ln/a/zWhrs3mJWv8pPTLJ3wp3dMn/#> >. Acesso em 29 de novembro de 2023.

²¹ Retirado do livro *Cadernos de Literatura Brasileira: Mário Quintana*. Instituto Moreira Salles. Disponível em <https://issuu.com/ims_instituto_moreira_salles/docs/clb_-_mario_quintana2/21>. Acesso em 19 de outubro de 2023.

Quadro 2:
Definição de *Sputnik*

<i>Sputnik</i>	Desenvolvido pelos soviéticos, esse era o nome do programa responsável pelo envio do primeiro satélite artificial para a órbita terrestre em 1957. O satélite foi nomeado “Sputnik 1”. O acontecimento foi considerado o evento que deu início à corrida espacial. ²²
----------------	--

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Maio de 2023.

Fazer o levantamento desse tipo de vocabulário antes de iniciar a tradução é essencial no processo de pesquisa. Durante a tradução temos que estar cientes de que alguns termos que, para nós, no âmbito da nossa língua materna, parecem triviais, podem vir a nos causar problemas e dificuldades ao serem traduzidos, como em “Pequeno Poema Didático”, por exemplo:

Quadro 3:
Comentário de tradução sobre “porre” e “veneno”²³

Termo	Comentário (Versão 2)
Veneno	<ul style="list-style-type: none"> Ao pesquisar “veneno”, encontra-se duas possibilidades: “poison” e “venin”. A diferença entre as duas expressões, de princípio, é que “poison” é de consumir e “venin” é de “injetar”. [https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/poison/62057]
Porre	<ul style="list-style-type: none"> “Porre” é uma expressão que significa “bebedeira”, “beber demais”. Em francês, o mais próximo inicialmente é “beuverie” [fonte: https://www.cnrtl.fr/definition/beuverie#:~:text=f%C3%A9m.-.BEUVERIE%2C%20BUVERIE%2C%20subst.,amour%20et%20de%20buverie%20(A).]

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Novembro de 2023.

Quando nos adiantamos e fazemos o levantamento prévio das palavras que desconhecemos ou que podem vir a ser mais difíceis de serem trabalhadas, como expressões e palavras em outras línguas, termos de linguagem científica ou jurídica, etc., temos um aproveitamento melhor no processo de tradução. Há um registro no

²² Definição encontrada em <<https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/sputnik/>>. Acesso em 23 de maio de 2023.

²³ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz –Pequeno Poema Didático.

APÊNDICE C: Diário de tradução²⁴, sobre a decisão que tomamos em relação ao termo “Spoutnik” depois de o pesquisarmos:

Quadro 4:

Registro do Diário de Tradução : *Spoutnik*

Diário de Tradução – O poema apesar de tudo
(...) temos “Spoutnik”, que é uma palavra russa para “satélite” ou “viajante”. De acordo com minhas pesquisas, esse é o nome do primeiro satélite artificial do mundo, tendo sido lançado em 1957, apanhando os norte-americanos de surpresa durante a Guerra Fria. Interpretando a poesia, creio que o poeta se referiu ao poema como um “Spoutnik” por toda a história por trás desse satélite. Logo, sendo um nome próprio, e tendo um grande significado para a metáfora que Quintana construiu, não vejo motivos para retirá-lo do texto ou adaptá-lo. Acredito que é mais vantajoso para a poesia que o termo seja mantido.

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Novembro de 2023.

Uma das coisas que foram percebidas nessa etapa é que a poesia de Mário Quintana é muito rica em se falando de vocabulário, muito embora não seja encharcada de termos demasiadamente rebuscados e palavras desconhecidas. Traço que também ajuda a caracterizar a singeleza de sua escrita. Podemos tomar como exemplo a primeira estrofe do poema “Pequeno Poema Didático”:

O tempo é indivisível. **Dize**,
Qual o sentido do calendário?
Tombam as folhas e fica a árvore,
Contra o veneno incerto e **vário**. (Quintana, 2019. Grifo nosso)

Ao observarmos as palavras “dize” e “vário”, partindo do pressuposto de que não são palavras utilizadas por nós de forma corriqueira, vemos que elas não impedem ou dificultam a nossa compreensão. Em uma primeira leitura, é possível que o leitor, mesmo encontrando estranhamento ao ler as duas palavras, não tenha problemas para entender o que o poeta disse. No caso de “dize”, é correto afirmar que se trata da conjugação do verbo “dizer”, na segunda pessoa do singular no imperativo afirmativo, resultante da eliminação do “s” de “tu dizes”. Em relação a “vário”, este é sinônimo de diverso, variado²⁵. Este é um exemplo de como a escrita de Mário Quintana era rica em termos de linguagem e, ao mesmo tempo, mantinha-se entendível.

3.1.4. Etapa 4: Início da tradução dos poemas de Mário Quintana

²⁴ Ver APÊNDICE C: diário de tradução – O poema apesar de tudo.

²⁵ Definição encontrada em Priberam Dicionário. Disponível em < <https://dicionario.priberam.org/v%C3%A1rio> >. Acesso em 29 de novembro de 2023.

A quarta etapa corresponde ao início da prática de tradução dos dez poemas de Mário Quintana. Nessa etapa, todos os poemas foram traduzidos automaticamente sem que passassem por nenhum tipo de pesquisa ou revisão. O software é o Tradutor Automático do Google²⁶, e o objetivo era saber que resultado teríamos traduzindo a poesia automaticamente. Esse tipo de atividade foi explorada nas aulas de Prática de Tradução de Textos Econômicos Português-Francês, ministrada pelo Prof. Dr. Jean Claude Miroir²⁷ na Universidade de Brasília, para nos mostrar que os tradutores automáticos podem ser um recurso facilitador para o tradutor, visto que fornecem auxílio em relação ao vocabulário, mas que não devem ser considerados confiáveis. Essa foi uma experiência para que se pudesse observar os resultados gerados por um tradutor automático quando usado para traduzir uma poesia. Após o uso da ferramenta, foi possível observar exemplos de tradução que variavam do correto ao mais “excêntrico” resultado que se podia obter. Como, por exemplo, o resultado que se obteve da tradução automática do último verso do poema “Pequeno Poema didático”:

Quadro 5:

Exemplo de resultado obtido com tradução automática²⁸

Original	Versão 1 (tradução automática)
Todos os porres são o mesmo porre	Toute la merde est la mème merde

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Maio de 2023.

A quarta etapa, que corresponde ao início da atividade tradutória, mostrou-se uma experiência interessante para o desenvolvimento do tema abordado no presente trabalho, pois com esse tipo de experiência nós podemos comprovar que, apesar de toda modernidade e comodidade advindas dos recursos automáticos da internet, a tradução ainda precisa de um tradutor humano. As máquinas carecem de subjetividade e não podem ser consideradas veículos totalmente seguros em se tratando de tradução, sobretudo, tradução literária.

Essa primeira etapa nos faz ficar de frente com as primeiras questões que vamos levantar no processo tradutório, pois encaramos um texto “mal formado”, “monstruoso”, que vai precisar de muita lapidação e trabalho para que possa chegar ao aceitável, e partir para versões mais elaboradas. Segundo a Dra. Ana Helena Rossi:

²⁶ Disponível em < <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR> >. Acesso em 29 de novembro de 2023.

²⁷ Atua no Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução (LET) do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

²⁸ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz – Pequeno Poema Didático.

A primeira versão ou tradução traz à tona um tipo de conhecimento sobre:

- 1 . as características da linguagem do texto de partida – *lócus* A – (estruturas sintáticas, léxicos, campos lexicais, expressões idiomáticas, temas, etc.);
- 2 . o que deve se estar estruturado no texto de chegada – *lócus* B - (estruturas sintáticas, léxicos, campos lexicais, expressões idiomáticas, temas, etc.);
- 3 . a relação que une os dois textos, de suas leis de funcionamento *lócus* A e B;
- 4 . o desconhecimento do tradutor; e o que deve ser feito para ultrapassá-las;
- 5 . o que está sendo construído na tradução a partir de escolhas tradutórias, e que eu chamo de projeto de tradução. É o “confronto do/a tradutor(a) consigo mesmo(a), e não apenas com a imagem que ele/ela tem de si.” (Rossi, 2019, p. 144)

3.1.5. Etapa 5: Segunda versão da tradução dos poemas de Mário Quintana

A quinta etapa corresponde à segunda versão da tradução do corpus. Nessa fase, o foco foi traduzir os poemas de maneira mais simples, corrigindo e revisando a primeira tradução (automática) com o apoio principal do conhecimento prévio da tradutora em língua francesa, com o objetivo de identificar, na prática, possíveis dificuldades e problemas de tradução, bem como, expressões idiomáticas, gírias, trocadilhos e outros fatores relacionados ao vocabulário que deveriam receber atenção especial posteriormente. Como, por exemplo, em “Os Poemas”:

Quadro 6:

Registro do diário de tradução sobre Versão 2 de “Os Poemas”²⁹

Os Poemas
Segunda versão: A maior dúvida foi com a expressão “maravilhado espanto”, que pode ser traduzida de formas diferentes. Inicialmente, optou-se por traduzir a expressão por “l’émervellement étonnement”. No entanto, essa tradução não me parece a melhor e acredito que devo voltar à essa questão na próxima versão.

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Novembro de 2023.

Outro exemplo é o comentário registrado sobre a segunda versão de tradução de “O Poema”:

Quadro 7:

Registro do diário de tradução sobre Versão 2 de “O Poema”³⁰

O Poema
Segunda versão: Essa tradução também possibilitou o levantamento da questão sobre a ambiguidade do termo “mortal”. Mostrando ser interessante pensar em que sentido a palavra foi empregada pelo poeta e como proceder na tradução. “Mortal” como algo que está fadado a morrer ou “mortal” como algo que oferece perigo de morte?

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Novembro de 2023.

²⁹ Ver APÊNDICE C: Diário de Tradução – Os Poemas.

³⁰ Ver APÊNDICE C: Diário de Tradução – O Poema.

Nessa fase, focou-se em resolver questões de vocabulário, sentido e contexto. A forma, como a métrica e a rima, foram uma preocupação secundária que passaria a ser trabalhada com profundidade na etapa seguinte.

3.1.6. Etapa 6: Versão final da tradução dos poemas de Mário Quintana

A sexta fase corresponde à terceira versão traduzida dos poemas, a versão final. Nesse momento, foi feita a pesquisa mais detalhada de todas as dificuldades encontradas nas primeiras versões, como as questões de vocabulário, figuras de linguagem, porém, diferentemente da versão anterior, levamos em conta também a questão do ritmo e das rimas presentes nos poemas, com o objetivo de encontrar possíveis soluções para manter, na tradução, o máximo possível das rimas e dos ritmos construídos por Mário Quintana, lidando com a perda e procurando compensar aquilo que estava sendo perdido na passagem do original para a tradução. Um bom exemplo é o registro feito sobre a terceira versão de “Pequeno Poema Didático” no Diário de Tradução:

Quadro 8:

Registro do diário de tradução sobre Versão 3 de “Pequeno Poema didático”³¹

Pequeno Poema Didático
Versão final: Nessa versão, resolveu-se a questão da tradução da expressão “porre”. Optou-se por traduzi-la por “l’ivresse”, pensando no contexto do poema. Manteve-se a tradução de “veneno” por “poison”, pois era a opção mais acertada. Em se tratando de recuperar rimas, optou-se por trocar “divers” pelo sinônimo “varié”. O mesmo aconteceu com “plus inconséquent”, que foi trocado pelo sinônimo “plus insensé”.

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Novembro de 2023.

Outro bom exemplo é o registro feito no diário de tradução sobre a terceira versão de “O poeta canta a si mesmo”:

Quadro 9:

Registro do diário de tradução sobre Versão 3 de “O poeta canta a si mesmo”³²

O poeta canta a si mesmo
Versão final: Nas três primeiras estrofes, observamos que há uma relação rítmica possibilitada, principalmente, pelas palavras “perverso; verso; universo”. Na versão traduzida, foi possível reconstruir essa relação com as palavras “ pervers; vers; univers”. Na quarta estrofe, traduzindo “disperso” por “dispersé”, perde-se esse andamento. Para poder compensar, optou-se por trocar “divers”, na última estrofe, pelo seu sinônimo “varié”, e colocá-lo no final da frase.

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Novembro de 2023.

³¹ Ver APÊNDICE C: Diário de Tradução – Pequeno Poema Didático

³² Ver APÊNDICE C: Diário de Tradução – O poeta canta a si mesmo

Na terceira versão, a tradução de cada poema foi mais detalhada, pois houve um trabalho de pesquisa em relação às questões encontradas no texto original, bem como possíveis ambiguidades, gírias e expressões, assim como foi possível experimentar algumas possibilidades dentro da língua francesa, para construir, ou reconstruir, rimas e ritmos que foram perdidos na versão anterior visando ter como resultado uma versão “final” satisfatória.

3.2. A TRADUÇÃO DAS COISAS SIMPLES

Como já foi mencionado anteriormente³³, Mário Quintana ficou conhecido como “o poeta das coisas simples”, pois tinha o costume de dizer coisas profundas com vocabulário simples e é isso o que torna a sua poesia tão característica. Durante o processo de tradução, notou-se como essa característica pode refletir dentro da atividade tradutória. Já no levantamento inicial de vocabulário que poderia ser desconhecido ou de alguma forma problemático, observou-se que poucas eram as palavras que causariam estranhamento, como *Selva Selvaggia* e *Spoutnik*, que não são palavras oriundas da língua portuguesa.³⁴

Apesar de encontrarmos informações que dizem que Mário Quintana pertencia ao Modernismo, essa não deve ser uma afirmação para levarmos à risca. O poeta apresentava algumas características da poesia modernista, como não se prender a produção formal, explorando versos livres e brancos, usando muito do recurso da ironia e etc. Essas características contribuem para que alguns encarem Mário Quintana como poeta modernista, mas, o próprio poeta negava pertencer a qualquer tipo de escola. Em um trecho do livro *Cadernos da Literatura Brasileira* do Instituto Moreira Salles, podemos ler uma declaração de Quintana sobre pertencer a uma escola:

Eu já fui tão engajado que cheguei a ir à Revolução de 30. Poeticamente, nem a escolas pertenco. Isto de pertencer a escolas poéticas, para mim, é o mesmo que ser condenado à prisão perpétua. Não se pode sair de lá nunca! O melhor é aproveitar tudo de todas as escolas. E não há nada como gazear as escolas. É a melhor coisa da vida (QUINTANA, 2009, p. 38, 39).

Quando falamos sobre Mário Quintana, podemos observar que em seus poemas, embora marcados pela simplicidade, pelo humor e ironia, no que diz respeito ao aspecto formal da estrutura de sua poesia, o poeta passeava entre os versos livres e a rigidez métrica

³³ Ver sessão 2.3. QUINTANA E A METAPOESIA.

³⁴ Ver APÊNDICE B: Palavras e Termos estrangeiros

dos sonetos. Embora tendam a classificá-lo como um poeta modernista, é comum vermos Mário Quintana buscar inspiração na Antiguidade Clássica, como pode-se ver em “Aula Inaugural”:

É verdade que na Ilíada não havia tantos heróis
 Como na guerra do Paraguai...
 Mas eram bem falantes
 E todos os seus gestos eram ritmados como num balé

Pela cadência dos metros homéricos.
 Fora do ritmo, só há danação.
 Fora da poesia não há salvação.

A poesia é dança e a dança é alegria.
 Dança, pois, teu desespero, dança
 Tua miséria, teus arrebatamentos,
 Teus júbilos

E.
 Mesmo que temas imensamente a Deus,
 Dança, como Davi diante da arca da Aliança:
 Mesmo que temas imensamente a morte
 Dança diante da tua cova.
 Tece coroas de rimas...

Enquanto o poema não termina
 A rima é como uma esperança
 Que eternamente se renova.
 A canção, a simples canção, é uma luz dentro da noite.
 (Sabem todas as almas perdidas...)

O solene é um archote nas trevas.
 (sabem todas as almas perdidas...)
 Dança, encantado contador de monstros,
 Tirano das esfinges,
 Dança, Poeta,
 E sob o aéreo, o implacável, o irresistível ritmo de teus pés
 Deixa girar o Caos atônito... (Quintana, 2007 p. 447)

Em “Aula Inaugural”, temos um exemplo do costume que o poeta tinha em tecer versos rodeados das mais diversas influências, como a poesia épica. Esse é um recurso chamado de “intertextualidade”, que, segundo Maria Zilda F. Cury no verbete redigido para o site do Glossário Ceale, é definido como:

a relação “entre textos”, o diálogo entre textos. Toma-se, aqui, texto num sentido amplo do termo: um poema, um romance, uma notícia de jornal, os quadrinhos são textos. Mas também o são uma propaganda, um filme, um quadro, uma música. Da cidade, por exemplo, Marco Polo dizia que se poderiam ler as páginas, como se fossem as de um livro, evidenciando a multiplicidade de significações e de olhares que atravessam o espaço urbano. Filmes que retomam filmes e romances, quadros que dialogam com outros, propagandas que se utilizam do discurso artístico, poemas escritos com versos alheios, romances que se apropriam de formas musicais, visões de mundo que se retomam e se desconstroem: a tudo isso se chama intertextualidade. Um texto é, pois, um recorte no largo campo da produção

dos bens da cultura, produções continuamente postas em relação pelo homem no seu processo de produzir significação. Na literatura em geral e na literatura infantil e juvenil, por exemplo, os textos dialogam entre si, ou na forma de citação direta de um filme, de trecho de uma música, de um personagem, ou de forma indireta, deixando ao leitor pistas para relembra de outros textos que conhece.³⁵

Vemos um exemplo de intertextualidade, novamente, no poema “Selva Selvaggia”, que compõe o corpus do presente trabalho. Seu título provém de uma expressão encontrada na *Divina Comédia*³⁶, poema épico de Dante Alighieri. Mário Quintana descreve o poema em *Selva Selvaggia* tal qual Dante no Inferno, cercado de bestas na selva:

As palavras espiam como animais:
 Umas, rajadas, sensuais, que nem panteras...
 Outras, escuras, furtivas raposas...
 Mas as mais belas palavras estão pousadas nas frondes
 Mais altas como pássaros...
 O poema está parado em meio da clareira.
 O poema
 Caiu
 Na armadilha! Debate-se
 E ora subdivide-se e entrechoca-se como esferas de vidro colorido

Ora é uma fórmula algébrica
 Ora, como um sexo, palpita... Que importa
 Que importa qual seja o seu verdadeiro universo?
 Ele em breve será inteiramente devorado pelas palavras!
 (Quintana, 2007 p.481)

Para J. C. Pozenato, “Mario Quintana é, a rigor, o primeiro poeta gaúcho a fazer lirismo urbano, onde se sente o estigma da vida citadina da província” (Pozenato,1974, p. 39). Trazendo isso para o âmbito da tradução, pode-se afirmar com certeza que traduzir Mário Quintana não é uma tarefa fácil, pois, para além de toda a complexidade que existe em traduzir poesia, há de se levar em consideração o “complexo disfarçado de simples” presente na poesia do poeta gaúcho.

3.3. A POESIA, O POETA E O TRADUTOR EM WALTER BENJAMIN

Explorar a metapoesia de Mário Quintana foi o passo inicial no que podemos chamar de metodologia traçada no presente trabalho. Para traduzir um texto, primeiro, é necessário conhecê-lo. Mário Quintana expressa seu entendimento sobre o que é a poesia e o papel

³⁵ Disponível em < <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/intertextualidade> >. Acesso em 29 de novembro de 2023.

³⁶A Divina Comédia foi escrita por Dante Alighieri entre 1307 e 1321. O poema descreve detalhadamente a viagem que Dante, personagem da história, guiado por Virgílio e por Beatriz, faz entre o inferno, o purgatório e o paraíso. Foi escrito em italiano e trata-se de um poema narrativo com rigorosa simetria. (Disponível em <https://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html>. Acesso em 1 de junho de 2023.)

do poeta em seus escritos de maneira muito rica. Há uma característica presente em todos os poemas que foram selecionados quando Mário Quintana expressa sua visão sobre o que é a poesia: ela está viva. Viva, como algo que tem vontade própria, muitas vezes descrita como um animal, selvagem e livre. A poesia é tida como algo que não se pode domar, que vai além e que chega antes até mesmo das palavras que a devoram. Ler a metapoesia de Mário Quintana nos faz perceber a preocupação que o poeta tinha com o fazer poético. Em seus versos, ritmos e rimas, é possível notar como o poema, o eu lírico e o leitor interagem. Todas essas observações foram importantes para dar início à tradução dos poemas selecionados, pois era de suma importância entender a visão explícita e implícita do poeta em seus escritos para, só então, incluirmos mais um agente nessa relação “poesia e poeta”: o tradutor.

No início da fase de tradução, após todo o reconhecimento dos textos que seriam traduzidos, ficou claro que o tradutor, sobretudo o tradutor de poesia, deve estar plenamente consciente da importância de seu trabalho, pois se o poeta mostrou-se extremamente preocupado com seu fazer poético em sua metapoesia, o tradutor, ao notar essa preocupação, deve ter em mente o quão importante é o seu trabalho ao trazer o original para sua nova forma. Sendo assim, depararmo-nos com questões como “fidelidade”, “perda” e “traduzibilidade” foi inevitável, principalmente, quando a procura era pelo papel do tradutor no processo de tradução da metapoesia de Mário Quintana. Nesse contexto, a linha teórica escolhida para ser abordada no presente trabalho foi a de Walter Benjamin³⁷, que em seu ensaio *A Tarefa do Tradutor*, publicado em 1923, tratou de forma muito própria as questões que serão levantadas no presente trabalho. Vamos começar falando sobre a experiência proposta para a primeira versão: a tradução automática. Essa experiência é interessantíssima, pois serve para mostrar que, por mais tecnológica que seja, a tradução automática ainda não pode substituir o trabalho de um tradutor humano. Sobretudo no tocante à tradução de poesia, que é por si só, um texto rico em metáforas, figuras de linguagem, que vive e reside nas entrelinhas e que pode ser interpretado de maneiras diferentes. Segundo Benjamin (1923):

³⁷ Walter Benjamin foi um filósofo, crítico literário e tradutor alemão associado à Escola de Frankfurt e à Teoria Crítica. Sua biografia pode ser encontrada na página do Núcleo Brasileiro de Estudos Walter Benjamin. Disponível em <<http://www.uesc.br/nucleos/nbewb/biografia.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2023.

Que nos “diz” então uma poesia? Que comunica ela? Muito pouco àqueles que a compreendem. O essencial nela não é a comunicação, não é o depoimento. Aquelas traduções que escolhem para si o papel de intermediário, que em nome doutro transmite ou comunica, não conseguem transmitir senão a comunicação, ou seja, o inessencial. E esta é uma das características por que se reconhece uma má tradução.³⁸

A primeira versão de tradução foi uma amostra da importância do trabalho do tradutor e abriu as portas para a segunda versão da tradução do corpus. Foi na segunda versão que o original e o tradutor realmente começaram a interagir entre si. Aqui, enquanto se iniciava o processo tradutório, que as questões de “fidelidade” e “perda” começaram a surgir. A segunda versão foi iniciada com o objetivo de ser uma tradução mais livre. Nela, o objetivo era recorrer a pesquisas de vocabulário quando necessário, levantando as dificuldades maiores para serem revistas depois. Também não houve a preocupação com os fatores de ritmo e rima, pois esses seriam o foco da versão final. Agir dessa forma foi interessante para o envolvimento inicial da tradutora com os poemas, pois dessa maneira, destrinchando aos poucos o texto, foi possível notar detalhes que antes não poderiam ser notados apenas na fase de leitura e interpretação. Como, por exemplo, o uso dos sinônimos, que precisou ser cauteloso durante a tradução, visto que não é pelo fato de um termo ser sinônimo de outro que ele pode ser usado em qualquer contexto, como por exemplo:

Quadro 10:

Sobre sinônimo de “condenado”³⁹

Original: O Pobre Poema	Tradução: versão 2
Poema, menininho condenado	Poème, maudit petit garçon

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Junho de 2023.

Ficou claro desde o início que traduzir “condenado” por “maudit” não seria apropriado, pois mesmo que “maldito” e “condenado” sejam sinônimos, dentro do contexto da poesia, as palavras teriam pesos diferentes e isso poderia prejudicar a intenção original na tradução. Observemos o mesmo acontecer no trecho a seguir:

Quadro 11:

Sobre sinônimo de “maravilhado espanto”⁴⁰

Original: Os Poemas	Tradução: versão 2
---------------------	--------------------

³⁸ Disponível em: BENJAMIN, Walter. A tarefa do tradutor. Tradução de Fernando Camacho. In: BRANCO, Lúcia Castello (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFGM, 2008, p. 25.

³⁹ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz – O Pobre Poema.

⁴⁰ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz – Os Poemas

E olhas, então, essas tuas mãos vazias, no maravilhado espanto de saberes que o alimento deles já estava em ti...	Et regardes, donc, tes mains vides, dans l'émerveillement étonnement de savoir que leur nourriture était déjà en toi...
--	--

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Junho de 2023.

Apesar de parecer algo simples de resolver, no âmbito da tradução, esses são detalhes que precisam ser tratados com o maior cuidado. Na língua portuguesa, ao lermos “no maravilhado espanto”, conseguimos extrair sentido sem muitos problemas. Contudo, quando traduzido para o francês, inicialmente, temos “l'émerveillement étonnement”, que além de não soar muito bem, fica redundante. Sendo a redundância o objetivo original, talvez não houvesse problema, mas não era esse o caso. Ora, mas por que prestar tanta atenção ao que o contexto onde essas palavras estão sendo usadas quer enunciar? Porque como profissionais de tradução sabemos que as palavras não têm sentido separadamente, mas dentro de um contexto. Pode-se entender que mesmo que a forma de enunciar não seja a mesma em línguas diferentes, isso não torna necessariamente a tradução impossível de ser feita, pois segundo Benjamin (1923), as línguas não são estranhas umas às outras, mas são afins naquilo que querem dizer.

Dentro dessa linha de raciocínio, a opção encontrada para resolver o problema levantado na segunda versão foi dedicar um tempo especial à pesquisa dos sinônimos e de suas definições, para só então construir algo que possibilitasse que o texto traduzido apresentasse a sua melhor forma sem ser redundante, confuso e sem se perder demais do original. No primeiro exemplo, encontrou-se na língua francesa uma opção melhor e mais apropriada sem grandes dificuldades, visto que “condenado” fora empregado no poema no sentido de “estar fadado a algo”, “sentenciado” e não no sentido de “ser amaldiçoado”. Tendo isso como ponto de partida, a opção era encontrar na língua francesa um termo que se aproximasse do objetivo. Depois de certa pesquisa, encontrou-se “condamné”⁴¹, que atenderia melhor o objetivo original do poema no contexto da tradução. O mesmo foi feito com o segundo exemplo, contudo, após pesquisas e algumas tentativas insatisfatórias de reconstruir a sentença, foi necessário adaptá-la para caber da melhor forma no contexto da língua francesa. Assim, “maravilhado espanto” foi traduzido por “l'étonnement fascinant”⁴². Apesar de “fascínio” não estar presente na forma original do poema, incluir “fascinant” na tradução no lugar de “émerveillement” foi uma escolha feita levando em consideração

⁴¹ Ver APÊNDICE A: Quadro Matriz: O Pobre Poema.

⁴² Ver APÊNDICE A: Quadro Matriz: Os Poemas.

que, segundo Benjamin (1923), a tradução é uma forma do original, e encontra nele a fórmula de sua “traduzibilidade”. Chegamos então ao ponto que tanto é discutido em sala de aula, sobretudo nas matérias de Teoria da Tradução, a “traduzibilidade”. Em relação aos textos poéticos, existem algumas discussões sobre seu potencial tradutório, o termo “traduzibilidade” foi aqui adotado sob a ótica de Benjamin (1923), que diz que a “traduzibilidade” deve ser tomada como aceitação das diferenças das línguas, não como impedimento, mas como possibilidade. Sendo assim, a traduzibilidade não está em encontrar palavras correspondentes em línguas distintas, mas sim na harmonia onde se encontram os significados.

Desse modo, seguindo a linha teórica benjaminiana e tomando a diferença entre as línguas, não como impedimento, mas como possibilidade, encontramos mais um aspecto da função do tradutor na tradução de poesia: encontrar possibilidades para resolver problemas na tradução. Traduzir um poema não é apenas traduzir vocabulário, já que sabemos que a se tradução é uma forma do original, a tradução de uma poesia deve seguir essa mesma lógica. Traduzir poesia é traduzir sua forma, sua musicalidade e suas entrelinhas. Trabalho que envolve não apenas muita pesquisa e interpretação, como também bastante criatividade para lidar com os desafios que englobam todo o processo, principalmente, no que consiste à questão da “perda”, pois se a diferença entre as línguas pode ser vista como possibilidade, a “perda” na tradução pode ser encarada como abertura para a “compensação”. Assim, foi levado em consideração que a “perda” passa a ter uma conotação menos negativa depois que a consideramos como possibilidade de ganho, mesmo que o texto original tenha de ser, de certa maneira, modificado na tradução. Como por exemplo:

Quadro 12:

Modificações em “Pequeno Poema Didático”⁴³

Original: Pequeno Poema Didático	Versão 2	Versão 3
O tempo é indivisível. Dize, Qual o sentido do calendário? Tombam as folhas e fica a árvore, Contra o veneno incerto e vário.	Le temps est indivisible. Tu dis, Quel est le sens du calendrier ? Tombent les feuilles et l'arbre reste, Contre le poison incertain et divers.	Le temps est indivisible. Tu dis, Quel est le sens du calendrier ? Tombent les feuilles et l'arbre reste, Contre le poison incertain et varié.

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Junho de 2023.

⁴³ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz – Pequeno Poema Didático.

No quadro acima, temos a primeira estrofe do poema “Pequeno Poema Didático” de Mário Quintana. Observemos que, apesar de “divers” não ter sido empregado de forma errônea como tradução para “vário”, quando levamos em consideração que as rimas presentes no original são “ABCB”, nota-se que houve uma perda na segunda versão, tornando-se necessário procurar uma forma de reconstruí-la na tradução. Por essa razão, apesar de “divers” ser um termo possível e correto na tradução do poema, ele foi substituído pelo sinônimo “varié”, pois assim recupera-se a estrutura de rima “ABCB” na tradução, sem que haja nenhum tipo de prejuízo ou desrespeito com o contexto. A mesma situação pode ser observada na estrofe seguinte desse mesmo poema:

Quadro 13:

Segundo exemplo de modificações em “Pequeno Poema Didático”⁴⁴

Original: Pequeno Poema Didático	Versão 2	Versão 3
A vida é indivisível. Mesmo A que se julga mais dispersa E pertence a um eterno diálogo A mais inconseqüente conversa.	La vie et indivisible. Mème Celle que l'on pense la plus dispersée Et appartient à un dialogue éternel La plus inconséquente conversation	La vie et indivisible. Mème Celle que l'on pense la plus dispersée Et appartient à un dialogue éternel La conversation plus insensée

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Junho de 2023.

Na segunda estrofe, além de substituir “inconséquente” pelo sinônimo “insensée”, a ordem das palavras no verso também foram trocadas, não por estarem erradas na segunda versão, mas para que houvesse a compensação da rima que foi perdida no decorrer da tradução. Na metapoesia de Quintana, a poesia é viva e o poeta não mede esforços em mostrar a importância que ele dava ao fazer poético. Nos seus versos e entrelinhas podemos vislumbrar sua visão do que é poesia. Ter consciência dessa característica, como dito anteriormente, foi um fator determinante na hora de fazer escolhas de tradução. A tradução de sua poesia precisava ser o mais capaz possível de reconstruir as visões e preocupações esculpidas pelo poeta em seus versos, que ora eram livres, ora possuíam severa métrica. Por essa razão, não era correto prender-se tão somente às questões de vocabulário, porque quando a questão da perda é tomada apenas como algo inteiramente negativo, nem mesmo a tradução onde o designado e o modo de designar se encontram pode ser considerada inteiramente satisfatória, visto que ainda

⁴⁴ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz – Pequeno Poema Didático.

sim houve uma perda. Por essa razão, tomamos a questão da “fidelidade” de acordo com o pensamento de Benjamin (1923):

De fato, qual o efeito da fidelidade sobre a reprodução do sentido? A fidelidade na tradução de palavras isoladas quase nunca é capaz de reproduzir plenamente o sentido que elas possuem no original. Pois, em seu valor poético para o original, o sentido não se esgota no designado; ele adquire esse valor precisamente pela maneira com o que o designado se liga ao modo de designar em cada palavra específica. Costuma-se expressar isso utilizando a fórmula: as palavras carregam consigo uma tonalidade afetiva.⁴⁵

A fidelidade na tradução dos metapoemas de Mário Quintana está intimamente relacionada à forma do texto, sua superfície e sua profundidade, o que não significa que a tradução tem o objetivo de ser a reprodução concreta e absoluta do original, ou das ideias, visto que a poesia tem o poder de ser interpretada de várias formas e ter várias formas. Sobre isso, citamos Benjamin (1923):

Será então demonstrado que nenhum dado do conhecimento pode ser ou ter pretensões a ser objetivo quando se contenta em reproduzir o real, e do mesmo modo também nenhuma tradução será viável se aspirar essencialmente a ser uma reprodução parecida ou semelhante ao original. Isto porque o original se modifica necessariamente na sua “sobrevivência”, nome que seria impróprio se não indicasse a metamorfose e renovação de algo com vida.⁴⁶

É possível reforçar essa ideia com o exemplo a seguir:

Quadro 14: Sobre a perda e a reconstrução de rimas⁴⁷

Original: Eu Escrevi um Poema Triste	Versão 1	Versão 2	Versão 3
Eu escrevi um poema triste E belo, apenas da sua tristeza. Não vem de ti essa tristeza Mas das mudanças do Tempo, Que ora nos traz esperanças Ora nos dá incerteza...	J'ai écrit un poème triste Et belle, seulement de ta tristesse. Cette tristesse ne vient pas de toi Mais des changements du Temps, Qui nous apporte maintenant l'espoir Maintenant, cela nous donne de l'incertitude...	J'ai écrit un poème triste Et beau, seulement de ta tristesse. Cette tristesse ne vient pas de toi Mais des changements du Temps, Qui parfois nous amène l'espoir Parfois nous donne l'incertitude...	J'ai écrit un poème triste Et beau, seulement de ta tristesse. Cette tristesse ne vient pas de toi Mais des changements du Temps, Qui parfois nous amène l'espoir Parfois nous rend incertain...

⁴⁵Disponível em: BENJAMIN, Walter. A tarefa–renúncia do tradutor. Tradução de Suzana K. Lages. In: BRANCO, Lúcia Castello (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 76-77.

⁴⁶ Disponível em: BENJAMIN, Walter. A tarefa–renúncia do tradutor. Tradução de Suzana K. Lages. In: BRANCO, Lúcia Castello (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 30.

⁴⁷ Ver APÊNDICE A: Quadro-Matriz – Eu Escrevi um Poema Triste.

Fonte: Quadro desenvolvido por Anna Beatriz Lucena no âmbito deste trabalho. Junho de 2023.

Observemos que na versão original, pode-se classificar as rimas externas como “ABBCDB”. Na segunda versão, porém, duas coisas interessantes são observadas: a primeira é o que já se espera de uma versão inacabada de tradução: perde-se a rima original no último verso. A segunda é que, sem haver a necessidade de um trabalho maior, obteve-se naturalmente na tradução, uma rima que não estava presente na versão original entre o terceiro e o quinto verso, devido à aproximação fonética entre as palavras “toi” e “espoir”. Podia-se entender, nesse caso, que já havia uma compensação para a perda anterior, contudo, tentar recuperar o que foi perdido ou, ao menos, compensar é um objetivo forte na tradução. Por essa razão, na terceira versão, o último verso foi reconstruído, modificado de um jeito que pudesse continuar a dizer a mesma coisa, dentro de uma nova forma. É importante salientar que quando se fala aqui de “modificação” em momento algum isso deve ser entendido como “domesticação”, visto que um dos focos desse trabalho foi manter, sempre que possível, os traços culturais contidos no texto original no âmbito de sua tradução, deixando que o estranhamento fosse evidenciado e que o texto original se mostrasse como texto estrangeiro, sem prejudicar seu entendimento, considerando que “a verdadeira tradução é transparente, não encobre o original, não o tira da luz; ela faz com que a pura língua, como que fortalecida por seu próprio meio, recaia ainda mais inteiramente sobre o original.” (Benjamin, 1923).

Dentro dessa perspectiva, optou-se por não traduzir a expressão “Selva Selvaggia”, que já se encontra em italiano no original por uma razão – recurso intertextual utilizado para referir-se à *Divina Comédia*, como já mencionado. Traduzir essa expressão não se mostraria de forma alguma benéfico para o texto, visto que ela só faria sentido quando deixada em sua forma original. E na mesma linha de pensamento, optou-se por traduzir livremente “Cai, cai, balão!”, e colocar uma nota de tradução para explicar que se trata do título de uma cantiga infantil brasileira e mostrar que ela já possui versão para o francês. Essas escolhas enriquecem o texto e evidenciam sua origem cultural. Assim, pode-se observar o quanto a tradução de cada um dos poemas amadureceu de uma versão para outra. Isso se deu principalmente por conta do pensamento de Benjamin (1923), que consiste em considerar a tradução como lugar onde ocorrem transformações contínuas da linguagem.

De fato, a linguagem costuma se transformar dentro de um espaço de tempo muito mais longo do que o tempo que foi utilizado para concluir cada uma das três versões, porém, se observarmos, cada versão é diferente uma da outra, apesar de serem traduções do mesmo texto, feitas pela mesma pessoa. Isso pode ser explicado ao evidenciarmos que o presente trabalho foi pautado sob a teoria benjaminiana, que discorre sobre esse assunto quando Benjamin (1923) afirma que o texto está aberto a várias interpretações e esse é o ponto positivo: a tradução tem então a possibilidade de ganhar algo quando não está limitada a dizer exatamente o que o original diz. Uma tradução já não é o texto original e nem um novo texto, pois ainda se vincula ao original. Não obstante, pode-se dizer que é uma característica das boas traduções a possibilidade da transformação, considerando que a tradução, em Benjamin, tem para com o texto original uma relação vital, de sobrevivência: Benjamin (1923), a tradução nasce do original, todavia, mesmo sem afetá-lo, procede da sua sobrevivência. Desse modo, seria impossível considerar a tradução como meio de sobrevivência sem que sofresse modificações, pois na esfera onde ela está inserida, a linguagem, há contínuas transformações. Segundo Benjamin (1923):

[...] pode-se comprovar não ser possível existir uma tradução, caso ela, em sua essência última, ambicione alcançar alguma semelhança com o original. Pois na continuação de sua vida (que não mereceria tal nome, se não se constituísse em transformação e renovação de tudo aquilo que vive), o original se modifica. Também existe uma maturação póstuma das palavras que já se fixaram: elementos que à época do autor podem ter obedecido a uma tendência de sua linguagem poética, poderão mais tarde ter-se esgotado; tendências explícitas podem destacar-se ex novo daquilo que já possui forma. Aquilo que antes era novidade, mais tarde poderá soar gasto; o que antes era de uso corrente pode vir a soar arcaico.⁴⁸

Desse modo, segundo Benjamin (1923), é na tensão entre destruição e reconstrução que opera o tradutor, que vê o original como pertencente ao passado e o transpõe para um novo contexto histórico e linguístico. Trazendo para o contexto do presente trabalho, na relação entre a poesia e o poeta, o tradutor deve se comportar como o agente de transformação que balanceia a teoria, a técnica e a sensibilidade. Ao afirmar isso, a intenção não é ditar que o bom tradutor de poesia deve ser ele mesmo um poeta. Embora em Benjamin (1923), considerando que uma poesia transmite muito mais do que comunicação, o tradutor só conseguiria transmitir o “poético” se ele fosse também um poeta, pois o simples papel de intermediário não seria o bastante para que esse

⁴⁸BENJAMIN, Walter. A tarefa-renúncia do tradutor. Tradução de Suzana K. Lages. In: BRANCO, LúciaCastello (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 70-71.

tradutor transmitisse a essência poética, há também a necessidade de dedicar especial atenção ao trecho de seu prefácio em que Benjamin (1923) diz:

Ao que tudo indica, essa sensibilidade não tem necessariamente de ser mais forte no poeta; talvez nele, poeta, ela tenha justamente menos espaço. Nem mesmo a história sugere o preconceito convencional, segundo o qual os tradutores importantes seriam poetas e poetas insignificantes, tradutores menores. Muitos dos grandes, como Lutero, Voss, Schlegel, são incomparavelmente mais importantes como tradutores do que como poetas, e outros, dentre os maiores, como Hölderlin e George, não podem ser compreendidos em toda abrangência de sua criação unicamente sob o conceito de poeta. E ainda menos como tradutores. Pois assim como a tradução é uma forma própria, também a tarefa do tradutor pode ser entendida como uma tarefa própria, podendo ser diferenciada com precisão da do poeta.⁴⁹

Logo, consideramos que, mesmo que para Benjamin um tradutor possa traduzir uma poesia transmitindo o “poético” apenas se for, ele mesmo, um poeta, a tarefa do tradutor ainda sim pode ser precisamente diferenciada da do poeta. Nesse caso, poderia um tradutor, “não-poeta”, traduzir uma poesia de forma tão satisfatória quanto um “tradutor-poeta”, considerando, não apenas seu conhecimento linguístico, mas a sua capacidade de abrir-se para interpretações e novas maneiras de usar a própria criatividade para resolver problemas que ultrapassam a linha do vocabulário dentro da tradução.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se considerar que, após o processo de pesquisa e prática tradutória pela qual o presente trabalho passou, traduzir obras literárias, sobretudo poesias, requer muito mais do que conhecimento linguístico. Antes de mais nada, é importante conhecer o estilo do autor, sua história e o seu modo de escrever. Depois, conhecer de forma profunda o texto que será objeto da tradução. Mário Quintana, apesar de ser considerado um poeta pós-modernista, que deveria figurar ao lado de Drummond e Cecília Meireles como voz original da literatura brasileira contemporânea (Bosi, 2001)⁵⁰, declarava não pertencer a uma única escola. Sua poesia possui características únicas que marcam o estilo próprio do poeta, que, conforme Bosi (2001), possuía fórmula feliz de humor preservando o clima neo-simbolista de sua formação. Mário Quintana pode ser considerado um dos poetas brasileiros que mais se dedicou a escrever sobre poesia e sobre o fazer poético.

⁴⁹ BENJAMIN, Walter. A tarefa—renúncia do tradutor. Tradução de Suzana K. Lages. In: BRANCO, LúciaCastello (Org.). A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 74-75.

⁵⁰ BOSI, Alfredo. História concisa da literatura brasileira. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001. p. 463.

Não é à toa que a leitura de sua metapoesia é densa e profunda, refletindo a própria visão que o poeta tinha sobre o tema. Construimos nossa visão de mundo de acordo com a nossa própria experiência, e isso inclui nossa língua e cultura. Por essa razão, é importante lembrar que a tradução deve sempre levar em consideração a cultura na qual o original nasceu, para que não haja domesticação na tradução, podendo assim ser reconhecida como obra estrangeira traduzida que não necessita ser domesticada para ter valor. “O Poeta das Coisas Simples” não foi, nem de longe, simples de traduzir, pois traduzir Mário Quintana é traduzir suas palavras, suas entrelinhas, seu ritmo, suas rimas, sua métrica. Ora, isso é traduzir poesia. Conclui-se que o medo de cometer desvios baseados em crenças limitantes nascidas das definições mais tradicionais de “traduzibilidade”, “lealdade” e “perda”, nas quais a tradução jamais alcançaria um resultado satisfatório, é fator determinante no trabalho do tradutor, pois a conclusão do projeto de tradução dos dez poemas de Mário Quintana foi possível porque tais definições foram reformuladas dentro do pensamento benjaminiano. Concluímos afirmando que toda perda abre portas para novas possibilidades de compensação e que é, no espaço entre perda e novas possibilidades de tradução, que opera o tradutor.

5. REFERÊNCIAS

5.1. SITES:

<http://afgaspesie.org/wordpress/wp-content/uploads/2016/03/Pr%C3%A9sentation-Larivi%C3%A8re-et-son-fonctionnement-1.pdf> [acesso em 20 de março de 2022]

<http://www.ebrevistas.eb.mil.br/hyloea/index> [acesso em 18 de outubro de 2023]

<https://www.cnrtl.fr/definition/courant> [acesso em 25 de março de 2022]

<https://www.cnrtl.fr/synonymie/insens%C3%A9> [acesso em 25 de março de 2022]

<https://cavalier-cheval.fr/sabots-du-cheval-les-differents-soins/> [acesso em 22 de março de 2022]

<https://dicionario.priberam.org/v%C3%A1rio> [acesso em 29 de novembro de 2023]

<https://nuhtaradahab.wordpress.com/2012/11/20/mario-quintana-entrevista-concedida-a-edla-van-steen/> [acesso em 18 de outubro de 2023]

https://tecnologiaemeventos.furg.br/images/Normas_ABNT_para_TCC_.pdf [acesso em 23 de novembro de 2023]

<https://www.academia.org.br/noticias/academia-brasileira-de-letras-retoma-premio-machado-de-assis-e-premia-o-escritor-ruy-castro> [acesso em 10 de maio de 2023]

https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html?lang=fra&i=1&srchtxt=ENTRECHOQUER&codom2nd_wet=1#resultres [acesso em 20 de março de 2022]

https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html?lang=fra&i=1&srchtxt=PIECE+ARGENT&codom2nd_wet=1#resultres [acesso em 20 de março de 2022]

https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html?lang=fra&i=1&srchtxt=condamn%C3%A9&codom2nd_wet=1#resultres [acesso em 25 de março de 2022]

<https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/intertextualidade> [acesso em 29 de novembro de 2023]

<https://www.cnrtl.fr/definition/%C3%A9tincelle> [acesso em 20 de março de 2022]

[https://www.cnrtl.fr/definition/beuverie#:~:text=f%C3%A9m.-,BEUVERIE%2C%20BUVERIE%2C%20subst.,amour%20et%20de%20buverie%20\(A](https://www.cnrtl.fr/definition/beuverie#:~:text=f%C3%A9m.-,BEUVERIE%2C%20BUVERIE%2C%20subst.,amour%20et%20de%20buverie%20(A) [acesso em 20 de março de 2022]

<https://www.cnrtl.fr/definition/bi%C3%A8re> [acesso em 22 de março de 2022]

<https://www.cnrtl.fr/definition/bring%C3%A9> [acesso em 20 de março de 2022]

- <https://www.cnrtl.fr/definition/claquer> [acesso em 22 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/crini%C3%A8re> [acesso em 22 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/divers> [acesso em 25 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/ode> [acesso em 22 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/parvis> [acesso em 22 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/spoutnik> [acesso em 20 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/vari%C3%A9> [acesso em 25 de março de 2022]
- <https://www.cnrtl.fr/definition/vitrail> [acesso em 22 de março de 2022]
- <https://www.dicio.com.br/adro/> [acesso em 22 de março de 2022]
- <https://www.dicio.com.br/chispar/> [acesso em 20 de março de 2022]
- <https://www.dicio.com.br/metafora/> [acesso em 19 de outubro de 2023]
- <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/lingua-portuguesa/personificacao> [acesso em 18 de outubro de 2023]
- https://www.google.com/search?q=metapoema+defini%C3%A7%C3%A3o&oq=metapoema+defini%C3%A7%C3%A3o&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUyBggAEEUYOTIICAEQA BgWGB4yCAgCEAAyFhge0gEIMzczMmowajeoAgCwAgA&sourceid=chrome&ie=UTF-8 [acesso em 29 de novembro de 2023]
- https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pesquisa469/lexico/dico_interj.pdf [acesso em 20 de março de 2022]
- <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/ivresse/44598> [acesso em 25 de março de 2022]
- <https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/poison/62057> [acesso em 20 de março de 2022]
- <https://www.larousse.fr/dictionnaires/synonymes/bloquer/2791#:~:text=arr%C3%AAter%2C%20asphyxier%2C%20caler%2C%20coincer,d%C3%A9bloquer%2C%20desserre r.> [acesso em 25 de março de 2022]
- <https://www.linguee.com.br/portuguesfrances/search?source=auto&query=peda%C3%A7os> [acesso em 20 de março de 2022]
- https://www.lpm.com.br/site/default.asp?TroncoID=805135&SecaoID=0&SubsecID=0&Template=../livros/layout_autor.asp&AutorID=640836 [acesso em 10 de maio de 2023]
- <https://www.mamalisa.com/?t=fs&p=2305> [acesso em 20 de março de 2022]

<https://www.sonsofgodsrpg.com/f-rum/sugestao-de-deuses/uriel-o-arcanjo-protetor-dos-portoes-do-eden> [acesso em 20 de março de 2022]

https://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html [acesso em 23 de maio de 2023]

<https://www.tudoepoema.com.br/mario-quintana-cancao-do-amor-imprevisto/> [acesso em 10 de maio de 2023]

<https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/sputnik/> [acesso em 23 de maio de 2023]

5.2. TRABALHOS ACADÊMICOS E LIVROS:

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português**. In: BRANCO, Lúcia Castello (Org.). *A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin: quatro traduções para o português*. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008, p. 52.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 39. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.

BOTELHO, André. **O Modernismo como Movimento Cultural: uma sociologia política da cultura**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/zWhrs3mJWv8pPTLJ3wp3dMn/#>. Acesso em 29 de novembro de 2023.

CADERNOS DE LITERATURA BRASILEIRA: **Mário Quintana**. São Paulo, IMS n.25, 2009.

POZENATO, J. C. **O regional e o universal na literatura gaúcha**. Porto Alegre, Movimento, 1974.

QUINTANA, M: **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguiar, 2006. 774 p. eBook.

QUINTANA, Mário. **Baú de Espantos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2014. 138 p. eBook.

QUINTANA, Mário. **Esconderijos do Tempo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2013. 80 p. eBook.

QUINTANA, Mário. **Quintana de Bolso: Rua dos Cataventos & Outros Poemas**. Porto Alegre: L&PM, 2019. 176 p. v. 71.

ROSSI, Ana Helena. **Tradução como produção de conhecimento: experiências na Universidade de Brasília**. ISSN: 19830378, 468. 2019

VAN STEEN, Edla. *Viver & Escrever, v. 1*. Porto Alegre: L&PM, 1981. (Entrevista com Mário Quintana).

WITT, S. **A Metapoesia de Mário Quintana**. Tese (Mestrado em Teoria Literária) – Centro Universitário Campos de Andrade. Paraná, p. 12. 2011

XAVIER, Charles Odevan. **O Metapoema em Drummond**. Graduação em Letras – Universidade Federal do Ceará – UFC, Ceará, 2002.

5.3. VÍDEOS:

CORTES FILOSÓFICOS – SINTETIZANDO CONCEITOS. **Mário Quintana – Encontro Mercado**. YouTube, 2013. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=ujJHrfxuwyc> [acesso em 19 de outubro de 2023]

APÊNDICES

APÊNDICE A: Quadro – Matriz

A seguinte tabela dispõe do texto original, os dez poemas de Mário Quintana na primeira coluna, seguido pelas três versões de tradução (1, 2 e 3-Final), nas três colunas seguintes e dos comentários resumidos sobre as adaptações sofridas durante o projeto de tradução em cada uma das versões.

Original	Tradução 1	Tradução 2	Tradução 3 - Final	Comentários
<p>O Pobre Poema Eu escrevi um poema horrível! É claro que ele queria dizer alguma coisa... Mas o quê? Estaria engasgado? Nas suas meias-palavras havia no entanto uma ternura mansa como a que se vê nos olhos de uma criança doente, uma precoce, incompreensível gravidade de quem, sem ler os jornais,</p>	<p>Le pauvre poème J'ai écrit un poème horrible ! Bien sûr, il voulait dire quelque chose... Mais quoi? Serais-tu en train d'étouffer ? Il y avait cependant une tendresse dans ses demi-mots. doux comme on le voit dans les yeux d'un enfant malade, une gravité précoce, incompréhensible dont, sans lire les journaux,</p>	<p>Le pauvre poème J'ai écrit un poème horrible ! Bien sûr, il voulait dire quelque chose... Mais quoi ? Serait-il étouffé ? Dans ses demi-mots cependant il y avait une douce tendresse comme on le voit dans les yeux d'un enfant malade, une précoce, incompréhensible gravité de quelqu'un qui, sans lire les journaux, était au courant des enlèvements</p>	<p>Le pauvre poème J'ai écrit un poème horrible ! Bien sûr, il voulait dire quelque chose... Mais quoi ? Serait-il étouffé ? Dans ses demi-mots cependant il y avait une douce tendresse comme on le voit dans les yeux d'un enfant malade, une précoce, incompréhensible gravité de quelqu'un qui, sans lire les journaux, était au courant des enlèvements</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Corrigi « serais-tu » por « serait-il » • « tomados' por « empruntés » ? • « meninozinho condenado » por « maudit petit garçon » ? • « pedaços » pode ser “morceaux”; “parties”; “pièces”; “fragments” ; “parcelles” [fonte : https://www.lingue.com.br/portugues-

<p>soubesse dos seqüestros dos que morrem sem culpa dos que se desviam porque todos os caminhos estão tomados... Poema, menino condenado, bem se via que ele não era deste mundo nem para este mundo... Tomado, então, de um ódio insensato, esse ódio que enlouquece os homens ante a insuportável verdade, dilacerei-o em mil pedaços. E respirei... Também! Quem mandou ter ele nascido no mundo errado?</p>	<p>était au courant des enlèvements de ceux qui meurent sans faute de ceux qui s'égarent car tous les chemins sont empruntés... Poème, maudit petit garçon, ben c'était clair qu'il n'était pas de ce monde pas pour ce monde... Alors, saisi d'une haine insensée, cette haine qui rend les hommes fous face à l'insupportable En effet, je l'ai déchiré en mille morceaux. Et j'ai respiré... Aussi! Qui a dit qu'il était né dans le mauvais monde ?</p>	<p>de ceux qui meurent sans culpabilité de ceux qui s'égarent parce que tous les chemins sont empruntés... Poème, maudit petit garçon, ben c'était clair qu'il n'était pas de ce monde ni pour ce monde... Alors, saisi d'une haine insensée, cette haine qui rend les hommes fous face à l'insupportable vérité, Je l'ai déchiré en mille parties. Et j'ai respiré... Aussi ! Qui a lui demander de naitre dans le mauvais monde?</p>	<p>de ceux qui meurent sans culpabilité de ceux qui s'égarent parce que tous les chemins sont barrés... Poème, petit garçon condamné, ben c'était clair qu'il n'était pas de ce monde ni pour ce monde... Alors, saisi d'une haine insensée, cette haine qui rend les hommes fous face à l'insupportable vérité, Je l'ai déchiré en mille parties. Et j'ai respiré... Aussi ! Qui a lui demandé de naitre dans le mauvais monde ?</p>	<p>frances/search?sour ce=auto&query=peda%C3%A7os]</p> <ul style="list-style-type: none"> • “mundo errado” por “mauvais monde” • Mudei « Qui a dit qu'il était né dans le mauvais monde » por « Qui a lui demander de naitre dans le mauvais monde » <p>Tradução 3 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • O termo « Maudit » foi trocado por « condamné » por fazer mais sentido no contexto. [fonte: https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html?lang=fra&i=1&srchtxt=condamn%C3%A9&codom2nd_wet=1#resultrecs] • O termo “empruntés” não
---	---	--	---	--

				<p>satisfaz o contexto. Foi trocado por “barrés” [fonte: https://www.larousse.fr/dictionnaires/synonymes/bloquer/2791#:~:text=arr%C3%AAter%2C%20asphyxier%2C%20caler%2C%20coincer,d%C3%A9bloquer%2C%20desserre.]</p>
<p>Os Poemas Os poemas são pássaros que chegam não se sabe de onde e pousam no livro que lêes.</p> <p>Quando fechas o livro, eles alçam vôo como de um alçapão. Eles não têm pouso nem porto alimentam-se um instante em cada par de mãos e partem. E olhas, então, essas tuas mãos vazias,</p>	<p>Les poèmes Les poèmes sont des oiseaux qui arrivent on ne sait pas où ils atterrissent dans le livre que vous avez lu.</p> <p>Quand tu fermes le livre, ils s'envolent comme une trappe. ils n'ont pas d'atterrissage ni port ils se nourrissent un instant dans chaque paire de mains et partir. Et puis regarde tes</p>	<p>Les Poèmes Les poèmes sont des oiseaux qui arrivent on ne sait pas d'où et se posent dans le livre que tu lis</p> <p>Quand tu fermes le livre, ils s'envolent comme d'une trappe. Ils n'ont pas d'atterrissage ni port Ils se nourrissent un instant dans chaque paire de mains et partent. Et regardes, donc, tes mains vides, dans</p>	<p>Les Poèmes Les poèmes sont des oiseaux qui arrivent on ne sait pas d'où et se posent dans le livre que tu lis</p> <p>Quand tu fermes le livre, ils s'envolent comme d'une trappe. Ils n'ont pas d'atterrissage ni port Ils se nourrissent un instant dans chaque paire de mains et partent. Et regardes, donc, tes mains vides, dans</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • « pássaros pousam » por « des oiseaux se posent » • Coloquei o verbo “ler” no presente do indicativo na segunda pessoa do singular. • Troquei “comme une trappe” por “comme d'une trappe” • Corrigi « et partir » por « et partent » Dúvida na sentença

<p>no maravilhado espanto de saberes que o alimento deles já estava em ti...</p>	<p>mains vides, dans l'émerveillement émerveillé de savoir que leur nourriture était déjà en toi...</p>	<p>l'émerveillement étonnement de savoir que leur nourriture était déjà en toi...</p>	<p>l'étonnement fascinant de savoir que leur nourriture était déjà en toi...</p>	<p>« maravilhado espanto » Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A sentença « l'émerveillement étonnement » deixou um ar de redundância e não soou bem. Resolvi trocar por “l'étonnement fascinant” .
<p>SELVA SELVAGGIA As palavras espiam como animais: Umás, rajadas, sensuais, que nem panteras... Outras, escuras, furtivas raposas... Mas as mais belas palavras estão pousadas nas frondes Mais altas como pássaros... O poema está parado em meio da clareira. O poema Caiu Na armadilha! Debate-se E ora subdivide-se e entrechoca-se como esferas</p>	<p>JUNGLE SELVAGGIA Les mots traquent comme des animaux : Certaines, rafales, sensuelles, comme des panthères... D'autres renards noirs et furtifs... Mais les plus beaux mots sont perchés sur les frondes Plus haut comme les oiseaux... Le poème est arrêté au milieu de la clairière. Le poème C'est tombé Au piège ! débat Et maintenant il se</p>	<p>SELVA SELVAGGIA Les mots espionnent comme des animaux : Certains, bringé, sensuelles, comme des panthères... D'autres, foncés, renards furtifs... Mais les plus beaux mots sont perchés sur les frondes Plus haut comme les oiseaux... Le poème est arrêté au milieu de la clairière. Le poème Est tombé Au piège ! Il se débat</p>	<p>SELVA SELVAGGIA Les mots espionnent comme des animaux : Certains, bringé, sensuelles, comme des panthères... D'autres, foncés, renards furtifs... Mais les plus beaux mots sont perchés sur les frondes Plus haut comme les oiseaux... Le poème est arrêté au milieu de la clairière. Le poème Est tombé Au piège ! Il se débat</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • « espiam » ,inicialmente traduzido por « traquent » foi traduzido literalmente por « espionnent » • “rajadas” no poema, refere-se a uma característica do pêlo de alguns animais e não a um movimento brusco ou repentino do ar. Logo, “bringé” é mais adequado ao contexto. [fonte:

<p>de vidro colorido Ora é uma fórmula algébrica Ora, como um sexo, palpita... Que importa Que importa qual seja o seu verdadeiro universo? Ele em breve será inteiramente devorado pelas palavras!</p>	<p>subdivise et se heurte comme des sphères verre coloré est maintenant une formule algébrique Eh bien, comme un sexe, ça palpita... Qu'importe Qu'importe quel est votre véritable univers ? Il sera bientôt entièrement dévoré par les mots !</p>	<p>Et parfois il se subdivise et s'entrechoques comme des sphères de verre coloré Et parfois une formule algébrique Parfois, comme un sexe, il palpites... Qu'importe Qu'importe quel est lui véritable univers ? Il sera bientôt entièrement dévoré par les mots !</p>	<p>Et parfois il se subdivise et s'entrechoques comme des sphères de verre coloré Et parfois il est une formule algébrique Parfois, comme un sexe, il palpita... Qu'importe Qu'importe quel est lui véritable univers ? Il sera bientôt entièrement dévoré par les mots !</p>	<p>“Bringé” : https://www.cnrtl.fr/definition/bring%C3%A9]</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Il se débat” ou “Il lutte”? Verbo « entrechocar-se » em francês [https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html?lang=fra&i=1&srchtxt=ENTRECHOQUER&codom2nd_wet=1#resultres] <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Correção « il palpites » por « il palpita » • Mantive-se « Il se débat ». • A rima entre « animaux » e « sensuais » foi perdida na tradução. Contudo, formou-se uma rima entre “mots” e
---	---	---	---	--

				“animaux”.
<p>O POEMA Um poema como um gole d'água bebido no escuro. Como um pobre animal palpitando ferido. Como pequenina moeda de prata perdida para sempre [na floresta noturna. Um poema sem outra angústia que a sua misteriosa [condição de poema.</p> <p>Triste. Solitário. Único. Ferido de mortal beleza.</p>	<p>LE POÈME Un poème comme une gorgée d'eau bue dans le noir. Comme un pauvre animal blessé qui palpité. Comme une petite pièce d'argent perdue à jamais [dans la forêt nocturne. Un poème sans autre angoisse que sa mystérieuse [état du poème.</p> <p>Triste. Seul. Seul. Blessé d'une beauté mortelle.</p>	<p>LE POÈME Un poème comme une gorgée d'eau bue dans le noir. Comme un pauvre animal qui palpité blessé. Comme une petite pièce d'argent perdue à jamais [dans la forêt nocturne. Un poème sans autre angoisse que sa mystérieuse [condition de poème.</p> <p>Triste Solitaire Unique Blessé d'une beauté mortelle.</p>	<p>LE POÈME Un poème comme une gorgée d'eau bue dans le noir. Comme un pauvre animal qui palpité blessé. Comme une petite pièce d'argent perdue à jamais [dans la forêt nocturne. Un poème sans autre angoisse que sa mystérieuse [condition de poème.</p> <p>Triste Solitaire Unique Blessé d'une beauté mortelle.</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • « qui palpité » ou « palpitant » ? • “moeda de prata” por “pièce d'argent” [fonte: https://www.btb.termiumplus.gc.ca/tpv2alpha/alpha-fra.html?lang=fra&i=1&srchtxt=PIECE+ARGENT&codom2nd_wet=1#resultrecs] <p>“mortal” com o sentido de algo que morre ou de algo que mata?</p> <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Entende-se, no contexto, que “mortal beleza” está no sentido de algo perigoso que pode ferir e matar o “poema”, e não como algo que está fadado a morrer.
Pequeno poema didático	petit poème didactique	Le Petit Poème Didatique	Le Petit Poème Didatique	Tradução 2 :

<p>O tempo é indivisível. Dize, Qual o sentido do calendário? Tombam as folhas e fica a árvore, Contra o veneno incerto e vário.</p>	<p>Le temps est indivisible. dire, Quelle est la signification du calendrier ? Les feuilles tombent et l'arbre reste, Contre les poisons incertains et divers.</p>	<p>Le temps est indivisible. Tu dis, Quel est le sens du calendrier ? Tombent les feuilles et l'arbre reste, Contre le poison incertain et divers.</p>	<p>Le temps est indivisible. Tu dis, Quel est le sens du calendrier ? Tombent les feuilles et l'arbre reste, Contre le poison incertain et varié.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Coloquei o pronome « tu » antes do verbo « dis », que no original, está conjugado na segunda pessoa do imperativo afirmativo. • Ao pesquisar “veneno”, encontrei duas possibilidades: “poison” e “venin”. A diferença entre as duas expressões, de princípio, é que “poison” é de consumir e “venin” é de “injetar”. [https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/poison/62057] • “Porre” é uma expressão que significa “bebedeira”, “beber demais”. Em francês, o mais
<p>A vida é indivisível. Mesmo A que se julga mais dispersa E pertence a um eterno diálogo A mais inconsequente conversa.</p>	<p>La vie est indivisible. Même Selon vous, qu'est-ce qui est le plus dispersé Et appartient à un dialogue éternel La conversation la plus insignifiante.</p>	<p>La vie est indivisible. Même Celle que l'on pense la plus dispersée Et appartient à un dialogue éternel La plus inconséquente conversation</p>	<p>La vie est indivisible. Même Celle que l'on pense la plus dispersée Et appartient à un dialogue éternel La conversation plus insensée</p>	
<p>Todos os poemas são um mesmo poema, Todos os porres são o mesmo porre</p>	<p>Tous les poèmes sont le même poème, Toute la merde est la même merde</p>	<p>Tous les poèmes sont le même poème, Toutes les beuveries sont le mêmes beuveries</p>	<p>Tous les poèmes sont le même poème, Toutes les ivresses sont la même ivresse</p>	

				<p>próximo inicialmente é “beuverie” [fonte: https://www.cnrtl.fr/definition/beuverie#:~:text=f%C3%A9m.-.BEUVERIE%2C%20BUVERIE%2C%20subst.,amour%20et%20de%20buverie%20(A.]</p> <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • « porre » foi traduzido por « ivresse » [fonte: https://www.larousse.fr/dictionnaires/francais/ivresse/44598] • Trocou-se “divers” pelo seu sinônimo “varié” para recuperar a rima original • Trocou-se “plus inconséquent” por “plus insensé” [fonte : https://www.cnrtl.fr
--	--	--	--	--

				r/synonymie/insens%C3%A9]
O poema apesar de tudo	Le poème après tout	Le poème malgré tout	Le poème malgré tout	Tradução 2 :
<p>Às vezes faço poemas de um equilíbrio instável... Cai, cai, balão! (As prateleiras da estante estão olhando de dentes arreganhados, compridos dentes de todas as cores festivamente arreganhados) Ah, o trabalho do poeta! Nem queiras saber... É muito pior do que armar meticulosamente um castelo de cartas, ou uma Torre Eiffel com pauzinhos de fósforos ante a janela aberta (lá fora sorri sadicamente o Anjo das Tempestades). E pensar que ainda há gente por aí que acha tão fácil o milagre da Ascensão... Mas ele não caiu</p>	<p>Parfois j'écris des poèmes avec un équilibre instable... Tombe, tombe, ballon ! (Les étagères regardent des dents dents longues et dénudées de toutes les couleurs souriant de façon festive) Ah, l'œuvre du poète ! Tu ne veux même pas savoir... C'est bien pire que de mettre méticuleusement en place un maison de cartes, ou une Tour Eiffel avec des allumettes devant fenêtre ouverte (Dehors, l'Ange des Tempêtes sourit sadiquement). Et dire qu'il y a encore des gens qui trouvent ça si facile le miracle de l'Ascension...</p>	<p>Parfois j'écris des poèmes avec un équilibre instable... Tombe, tombe, ballon !⁵¹ (Les étagères du meuble sont regarder avec les dents exposées, Longues dents de toutes les couleurs exposées de façon festive) Oh, le travail du poète ! Tu ne veux même pas savoir... C'est bien pire que construire méticuleusement un château de cartes, ou une Tour Eiffel avec des allumettes devant la fenêtre ouverte (Dehors, l'Ange des Tempêtes sourit sadiquement) . Et dire qu'il y a encore des gens autour qui pensent que le miracle de l'Ascension est facile...</p>	<p>Parfois j'écris des poèmes avec un équilibre instable... Tombe, tombe, ballon ! (Les étagères du meuble sont regarder avec les dents exposés, Longues dents de toutes les couleurs exposés de façon festive) Oh, le travail du poète ! Tu ne veux même pas savoir... C'est bien pire que construire méticuleusement un château de cartes, ou une Tour Eiffel avec des allumettes devant la fenêtre ouverte (Dehors, l'Ange des Tempêtes sourit sadiquement) . Et dire qu'il y a encore des gens autour qui trouvent si facile le miracle de l'Ascension...</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Escolhi deixar o título de “cai, cai, bailão!” em francês, pois há vários sites que expõem músicas brasileiras infantis com tradução francês-português. • “prateleiras da estante” é um termo que precisa de certa atenção. Inicialmente, tanto “prateleira” quanto “estante” parecem ser traduzidas como “étagères”. Nessa tradução, quis acrescentar a palavra “meuble”. • Decidi trocar o termo “arreganhados” por

⁵¹“Tombe, tombe, ballon !” est la traduction littérale du titre de la chanson brésilienne pour enfants "Cai, cai, balão". La chanson a été composée par Assis Valente environ 1930. La traduction de la chanson est disponible sur <<https://www.mamalisa.com/?t=fs&p=2305>>. Acesso em 20 de março de 2023.

<p>O poema desta vez não caiu... Olha! O poema chispa como um spoutnik! O poema é a lua na amplidão!</p>	<p>Mais il n'est pas tombé Le poème cette fois ne tomba pas... Regarder! le poème pétille comme un spoutnik! Le poème est la lune en plénitude!</p>	<p>Mais il n'est pas tombé Le poème cette fois n'est pas tombé... Regarde! Le poème énticelle comme un spoutnik! Le poème est la lune dans l'ampleur!</p>	<p>Mais il n'est pas tombé Le poème cette fois n'est pas tombé... Regarde! Le poème énticelle comme un spoutnik! Le poème est la lune dans l'ampleur!</p>	<p>“exposés” por se aproximar do contexto.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Troquei a interjeição “ah” por “oh”, pois em francês seria mais adequado [fonte: https://www.ibilce.unesp.br/Home/Pesquisa469/lexico/dico_interj.pdf] • O “Anjo das Tempestades” é conhecido como arcanjo Uriel, porém há quem diga que se trate de Nuriel. Ambos arcanjos são frequentemente confundidos, mas sabe-se pouco sobre Nuriel. [fonte: https://www.sonsofgodsrpg.com/forum/sugestao-de-deuses/uriel-o-arcanjo-protetor-dos-portoes-do-
--	---	---	---	---

				<p>eden]</p> <ul style="list-style-type: none"> • “Chispar” [fonte: https://www.dicio.com.br/chispar/] e “écticelle” [fonte: https://www.cnrtl.fr/definition/%C3%A9tincelle] • “Spoutnik” satélite da União Soviética [fonte: https://www.cnrtl.fr/definition/spoutnik] <p>Tradução 3 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Trocou-se « pensent que est facile » por « trouvent si facile »
<p>Eu escrevi um poema triste</p> <p>Eu escrevi um poema triste E belo, apenas da sua tristeza. Não vem de ti essa tristeza Mas das mudanças do Tempo, Que ora nos traz</p>	<p>J'ai écrit un poème triste</p> <p>J'ai écrit un poème triste Et belle, seulement de ta tristesse. Cette tristesse ne vient pas de toi Mais des changements du Temps, Qui nous apporte</p>	<p>J'ai écrit un poème triste</p> <p>J'ai écrit un poème triste Et beau, seulement de ta tristesse. Cette tristesse ne vient pas de toi Mais des changements du Temps, Qui parfois nous amène</p>	<p>J'ai écrit un poème triste</p> <p>J'ai écrit un poème triste Et beau, seulement de ta tristesse. Cette tristesse ne vient pas de toi Mais des changements du Temps, Qui parfois nous amène</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • « correnteza » foi o termo que mais deu trabalho. “ Fort cours d'eau” foi a escolha provisória [fonte: http://afgaspesie.org/wordpress/wp-content/uploads/20

<p>esperanças Ora nos dá incerteza... Nem importa, ao velho Tempo, Que sejas fiel ou infiel... Eu fico, junto à correnteza, Olhando as horas tão breves... E das cartas que me escreves Faço barcos de papel!</p>	<p>maintenant l'espoir Maintenant, cela nous donne de l'incertitude... Cela n'a pas d'importance, pour l'ancien Temps, Soyez fidèle ou infidèle... Je reste, au bord du ruisseau, Vu les heures si brèves... Et les lettres que tu m'écris Je fais des bateaux en papier !</p>	<p>l'espoir Parfois nous donne l'incertitude... Il n'importe même pas, pour l'ancien Temps, qui soyez fidèle ou infidèle... Je reste, au bord du fort cours d'eau En regard les heure si brèves... Et à partir des lettres que tu m'écris Je fais dees bateaux en papier !</p>	<p>l'espoir Parfois nous rend incertain... Il n'importe même pas, pour l'ancien Temps, qui soyez fidèle ou infidèle... Au bord du courant, je reste En regard les heure si brèves... Et à partir des lettres que tu m'écris Des bateaux en papier je créé !</p>	<p>16/03/Pr%C3%A9s-entation-La-rivi%C3%A8re-et-son-fonctionnement-1.pdf]</p> <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A rima entre as palavras « tristeza » e « incerteza » se perdeu na tradução. Para compensar, optou-se pelo uso da palavra “incertain” que rima com “temps”. • Outras alterações com o intuito de recuperar rima ou ritmo na tradução: colocar “je reste” no fim da frase; colocar o verbo “créer” também no fim da frase. • Trocou-se “fort cours d'eau” por “courant” [fonte : https://www.cnrtl.fr/definition/courant
---	--	--	---	--

]
Eu fiz um poema	j'ai fait un poème	J'ai fait un poème	J'ai fait un poème	Tradução 2 :
<p>Eu fiz um poema belo e alto como um girassol de Van Gogh como um copo de chope sobre o mármore de um bar que um raio de sol atravessa eu fiz um poema belo como um vitral claro como um adro... Agora não sei que chuva o escorreu suas palavras estão apagadas alheias uma à outra como as palavra de um dicionário. Eu sou como um arqueólogo decifrando as cinzas de uma cidade morta. O vulto de um velho arqueólogo curvado sobre a terra...</p>	<p>j'ai fait un beau poème C'est grand comme un tournesol Van Gogh comme un verre de bière pression sur du marbre d'un bar qu'un rayon de soleil traverse J'ai fait un poème beau comme un vitrail clair comme un cimetière... Maintenant Je ne sais pas quelle pluie est tombée dessus tes mots sont effacés aussi étrangers les uns aux autres que les mots d'un dictionnaire. Je suis comme un archéologue déchiffrant les cendres d'une ville morte. La figure d'un vieil archéologue penché sur la terre... Sur quelle étoile, mon amour, ton rire chantera-t-</p>	<p>J'ai fait un poème beau et grand comme un tournesol de Van Gogh comme un verre de bière à la pression sur le marbre d'un bar qu'un rayon de soleil traverse J'ai fait un poème beau comme un vitrail clair comme un parvis... Maintenant Je ne sais pas quelle pluie a lui écoulé ses mots sont effacés étrangers l'uns aux autres comme les mots d'un dictionnaire. Je suis comme un archéologue en déchiffrant les cendres d'une ville morte. La visage d'un ancient archéologue penché sur la terre... Dans quelle étoile, amour,</p>	<p>J'ai fait un poème beau et grand comme un tournesol de Van Gogh comme un verre de bière à la pression sur le marbre d'un bar qu'un rayon de soleil traverse J'ai fait un poème beau comme un vitrail clair comme un parvis... Maintenant Je ne sais pas quelle pluie a lui écoulé ses mots sont effacés étrangers l'uns aux autres comme les mots d'un dictionnaire. Je suis comme un archéologue en déchiffrant les cendres d'une ville morte. La visage d'un ancient archéologue penché sur la terre... Dans quelle étoile, amour,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • « copo de chope » por « verre de bière à la pression » [fonte : https://www.cnrtl.fr/definition/bi%C3%A8re] • « vitral » por « vitrail » [fonte : https://www.cnrtl.fr/definition/vitral] • “Adro” def: Espaço que, aberto ou fechado, fica em frente ou ao redor de uma igreja; átrio, períbolo; [História] Cemitério no terreno de igrejas antigas, geralmente antes da sua entrada, tendo este nome em razão do hábito de enterrar pessoas em frente às igrejas. [fonte:https://www.dicio.com.br/adro/]

<p>Em que estrela, amor, o teu riso estará cantando?</p>	<p>il ?</p>	<p>ton rire chante ?</p>	<p>chante ton rire?</p>	<ul style="list-style-type: none"> • “parvis” def : Place ou cour située devant (la porte principale d’) un édifice religieux, en particulier d’une cathédrale ou d’une église, et qui, selon les religions et les époques, a diverses fonctions [fonte : https://www.cnrtl.fr/definition/parvis] <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pensando no ritmo da versão original, trocou-se « ton rire chante? » por « chante ton rire? »
<p>O poeta canta a si mesmo</p> <p>O poeta canta a si mesmo porque nele é que os olhos das amadas têm esse brilho a um tempo inocente e perverso...</p> <p>O poeta canta a si mesmo porque num seu único verso</p>	<p>Le poète se chante</p> <p>Le poète se chante car c’est en lui que les yeux de l’aimé ils ont cet éclat à la fois innocent et pervers...</p> <p>Le poète se chante parce que dans son seul verset</p>	<p>Le poète se chante</p> <p>Le poète se chante Car c’est en lui que les yeux des aimées ont cet éclat à un temps innocent et pervers...</p> <p>Le poète se chante Car dans son unique vers pend – lucide – amer – une goutte échappée de</p>	<p>Le poète se chante</p> <p>Le poète se chante Car c’est en lui que les yeux des aimées ont cet éclat à un temps innocent et pervers...</p> <p>Le poète se chante Car dans son unique vers pend – lucide – amer –</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Não sei se a tradução do título me satisfaz. • « claquer » [fonte : https://www.cnrtl.fr/definition/claquer] <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Nas três primeiras estrofes, observamos que há

<p>pende - lúcida, amarga - uma gota fugida a esse mar incessante do tempo...</p> <p>Porque o seu coração é uma porta batendo a todos os ventos do universo.</p> <p>Porque além de si mesmo ele não sabe nada ou que Deus por nascer está tentando agora ansiosamente respirar neste seu pobre ritmo disperso!</p> <p>O poeta canta a si mesmo porque de si mesmo é diverso</p>	<p>pend – lucide, amer – une goutte s’est échappée de cette mer incessante du temps...</p> <p>Parce que ton coeur est une porte qui claque à tous les vents de l’univers.</p> <p>Car à part lui il ne sait rien ou que Dieu à naître essaie maintenant anxieusement de respirer dans votre pauvre allure dispersée !</p> <p>Le poète se chante parce qu’il est différent de lui-même</p>	<p>cette mer incessante du temps...</p> <p>Car son coeur Est une porte qui claque à tous les vents de l’univers</p> <p>Car à part lui-même il ne sait rien ou que Dieu à naître essaie maintenant anxieusement de respirer dans son pauvre rythme dispersé !</p> <p>Le poète se chante Car il est divers de lui- même</p>	<p>une goutte échappée de cette mer incessante du temps...</p> <p>Car son coeur Est une porte qui claque à tous les vents de l’univers</p> <p>Car à part lui-même il ne sait rien ou que Dieu à naître essaie maintenant anxieusement de respirer dans son pauvre rythme dispersé !</p> <p>Le poète se chante Car il est de lui-même varié</p>	<p>uma relação rítmica possibilitada, principalmente, pelas palavras “perverso; verso; universo”. Na versão traduzida, foi possível reconstruir essa relação com as palavras “ pervers; vers; univers”. Na quarta estrofe, traduzindo “disperso” por “disperse”, perde-se esse andamento. Para poder compensar, optou- se por trocar “divers””, na última estrofe, pelo seu sinônimo “varié” e colocá-lo no final da frase. [fonte: “divers” : https://www.cnrtl.fr/definition/divers / “varie”: https://www.cnrtl.fr</p>
---	--	---	--	--

				/definition/vari%C3%A9]
<p>O poeta e a ode</p> <p>Sua firme elegância. Sua força contida. O poeta da ode É um cavalo de circo.</p> <p>Em severa medida Bate o ritmo dos cascos. De momento a momento, Impacto implacável, Tomba o acento na sílaba</p> <p>Dura a crina de bronze. Rijo o pescoço alto. Quem lhe sabe da tensa Fúria, do sagrado Ímpeto de vôo?</p> <p>Nobre animal, o poeta.</p>	<p>Le poète et l'ode</p> <p>Son élégance sans concession. Sa force contenue. Le poète de l'ode C'est un cheval de cirque.</p> <p>Dans une mesure sévère Bat le rythme des sabots. D'instant en instant, impact implacable, Laisser tomber l'accent sur la syllabe</p> <p>La crinière en laiton dure. Je raidis mon cou haut. Qui connaît la tension Fureur, du saint Moment de vol ?</p> <p>Noble animal, le poète.</p>	<p>Le poète et l'ode</p> <p>Sa ferme élégance Sa force contenue Le poète de l'ode Est un cheval de cirque</p> <p>Dans une sévère mesure Il bat le rythme des sabots. De temps en temps, L'impact implacable, Tombe l'accent sur la syllabe</p> <p>La dure crinière de bronze. Le haut cou raide Qui le connaît la tendue Fureur, de la sacrée Impulsion de vol ?</p> <p>Noble animal, le poète.</p>	<p>Le poète et l'ode</p> <p>Sa ferme élégance Sa force contenue Le poète de l'ode Est un cheval de cirque</p> <p>Dans une sévère mesure Il bat le rythme des sabots. De temps en temps, L'impact implacable, Tombe l'accent sur la syllabe</p> <p>La dure crinière de bronze. Le haut cou raide Qui le sait la tendue Fureur, de la sacrée Impulsion de vol ?</p> <p>Noble animal, le poète.</p>	<p>Tradução 2 :</p> <ul style="list-style-type: none"> • « l'ode » [Fonte : https://www.cnrtl.fr/definition/ode] • “sabots” [Fonte: https://cavalier-cheval.fr/sabots-du-cheval-les-differents-soins/] • “crinière” [fonte: https://www.cnrtl.fr/definition/crini%C3%A8re] <p>Tradução 3:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na segunda estrofe da versão traduzida, nota-se mais a perda que houve no ritmo original, contudo observa-se que a rima entre “contida” e “medida” (primeira e segunda estrofe) foi “recuperada” na tradução com “contenue” e “mesure”.

				<ul style="list-style-type: none">• Optou-se por trocar “connaît” por “sait”, pois não haveria nenhum prejuízo ao contexto.
--	--	--	--	---

APÊNDICE B: Palavras e Termos estrangeiros

Termos Encontrados	Definições
Selva Selvaggia	Termo italiano oriundo do poema épico “A Divina Comédia”, escrito por Dante Alighieri. ⁵²
Spoutnik	Desenvolvido pelos soviéticos, esse era o nome do programa responsável pelo envio do primeiro satélite artificial para a órbita terrestre em 1957. O satélite foi nomeado “Spoutnik 1”. O acontecimento foi considerado o evento que deu início à corrida espacial ⁵³

APÊNDICE C: Diário de tradução

Sobre cada fase de tradução:
<p>A tradução se deu em três fases:</p> <p>Primeira versão: tradução automática. Todos os poemas foram traduzidos automaticamente sem nenhuma revisão ou pesquisa. Essa primeira versão foi uma experiência para ver os resultados obtidos na tradução automática de textos poéticos.</p> <p>Segunda versão: Tradução feita com atenção maior a correção de equívocos. Foi a primeira experiência de tradução dos poemas e se deu de forma mais livre. A segunda tradução não teve pesquisa aprofundada, apenas algumas consultas quando havia alguma dúvida com determinados termos, no mais, a tradução foi feita de acordo com o conhecimento prévio de vocabulário pessoal da tradutora, que levantou algumas questões a serem revistas na versão final.</p> <p>Versão final: Nessa fase, houve pesquisas mais aprofundadas em torno das questões não resolvidas na versão anterior, bem como revisão das escolhas que foram feitas. Observou-se também questões estéticas como ritmo, métrica e rima, pois são fatores muito importantes quando se fala de poesia.</p>
<p>Poema 1: O Pobre Poema</p> <p>Primeira versão : Tradução automática</p> <p>Segunda versão : Nessa versão, levantaram-se algumas questões como a tradução de “menininho condenado” por “maudit petit garçon”, e “tomados” por “empruntés”, que foram soluções que não satisfazem de fato a demanda do contexto.</p> <p>Versão final: Nessa fase, além da pesquisa mais aprofundada, houve uma dedicação</p>

⁵² Ver mais em <https://www.stelle.com.br/pt/index_comedia.html> . Acesso em 23 de maio de 2023

⁵³ Definição encontrada em <<https://www.ufrgs.br/amlef/glossario/sputnik/>>. Acesso em 23 de maio de 2023.

maior ao que se referia à parte estética da tradução. Levando em consideração os fatores “rima, métrica e ritmo” principalmente. Algumas alterações foram feitas para tornar a versão final mais lapidada e aproximada da versão original. Na versão final, os problemas anteriores foram selecionados após uma pesquisa mais aprofundada. O termo « maudit » foi trocado por « condamné » por fazer mais sentido no contexto e o termo “empruntés” foi trocado por “barrés”. O poema e a tradução foram lidos várias vezes em voz alta. Apesar deste poema em particular não conter muitas rimas, ele possui um ritmo. Na tradução foi possível criar um ritmo parecido e agradável.

Poema 2: Os Poemas

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: A maior dúvida foi com a expressão “maravilhado espanto”, que pode ser traduzida de formas diferentes. Inicialmente, optou-se por traduzir a expressão por “l’émervellement étonnement”. No entanto, essa tradução não me parece a melhor e acredito que devo voltar à essa questão na próxima versão.

Versão final: A sentença « l’émervellement étonnement » deixou um ar de redundância e não soou bem. Optou-se por traduzi-la por “l’étonnement fascinant”. Não foi necessário alterar muitas coisas nessa versão. Em se tratando de estética, a tradução ficou bastante parecida com a versão original. A métrica e o ritmo diferiram apenas em alguns detalhes.

Poema 3: Selva Selvaggia

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: A questão mais interessante foi em relação ao título “Selva selvaggia”, identificado como uma expressão italiana que remete à Divina Comédia. Inicialmente, optou-se por mantê-lo como no original.

Versão final: além de fazer uma correção em um verbo que tinha sido conjugado erroneamente, não houve nenhuma outra alteração na última tradução desse poema. A versão original e a tradução final foram lidas algumas vezes em voz alta e o que se observou foi que, na versão traduzida, formaram-se, além de um ritmo parecido com o ritmo original, algumas rimas que não estavam presentes no poema em português.

Poema 4: O poema

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: Essa tradução também possibilitou o levantamento da questão sobre a ambiguidade do termo “mortal”. Mostrando ser interessante pensar em que sentido a palavra foi empregada pelo poeta e como proceder na tradução. “Mortal” como algo que está fadado à morrer ou “mortal” como algo que oferece perigo de morte?

Versão final: Entende-se, no contexto, que “mortal beleza” está no sentido de algo perigoso que pode ferir e matar o “poema”, e não como algo que está fadado a morrer. A métrica desse poema é bem marcada, mas não foi um problema mantê-la na tradução. Embora não tenha ficado idêntico ao original, ambos, original e tradução, ficaram muito aproximados.

Poema 5: Pequeno Poema Didático

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: Nessa versão, as palavras “veneno” e “porre” foram as maiores

dificuldades.

Versão final: Nessa versão, resolveu-se a questão da tradução da expressão “porre”. Optou-se por traduzi-la por “l’ivresse”, pensando no contexto do poema. Manteve-se a tradução de “veneno” por “poison”, pois era a opção mais acertada. Em se tratando de recuperar rimas, optou-se por trocar “divers” pelo sinônimo “varié”. O mesmo aconteceu com “plus inconséquent”, que foi trocado pelo sinônimo “plus insensé”.

Poema 6: O poema apesar de tudo

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: Nessa versão já foi possível levantar várias questões interessantes. Optou-se por deixar o título de “cai, cai, bailão!” em francês com uma nota de tradução, pois há vários sites que expõem músicas brasileiras infantis com tradução francês-português. O termo “prateleiras da estante” é um termo que precisa de certa atenção. Inicialmente, tanto “prateleira” quanto “estante” parecem ser traduzidas como “étagères”. Nessa tradução, acrescentou-se a palavra “meuble”. Decidiu-se trocar o termo “arreganhados” por “exposés” por se aproximar do contexto. Trocou-se a interjeição “ah” por “oh”, pois em francês seria mais adequado. Outra coisa interessante é que o “Anjo das Tempestades” é conhecido como arcanjo Uriel, porém há quem diga que se trate de Nuriel. Ambos arcanjos são frequentemente confundidos, mas sabe-se pouco sobre Nuriel. Por fim, temos “Spoutnik”, que é uma palavra russa para “satélite” ou “viajante”. De acordo com minhas pesquisas, esse é o nome do primeiro satélite artificial do mundo, tendo sido lançado em 1957, apanhando os norte-americanos de surpresa durante a Guerra Fria. Interpretando a poesia, creio que o poeta se referiu ao poema como um “Spoutnik” por toda a história por trás desse satélite. Logo, sendo um nome próprio, e tendo um grande significado para a metáfora que Quintana construiu, não vejo motivos para retirá-lo do texto ou adaptá-lo. Acredito que é mais vantajoso para a poesia que o termo seja mantido.

Versão final: nessa versão, a única alteração necessária em termos de vocabulário foi a substituição de “pésent que est facile” por “trouvent si facile”, pois a segunda opção se encaixaria melhor na tentativa de não quebrar demais o ritmo do poema original na tradução.

Poema 7: Eu escrevi um poema triste

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: A princípio, “correnteza” foi o termo que mais precisou de atenção. Foi provisoriamente traduzido por “fort cours d’eau”.

Versão final: A rima entre as palavras « tristeza » e « incerteza » se perdeu na tradução. Para compensar, optou-se pelo uso da palavra “incertain” que rima com “temps”. Outras alterações com o intuito de recuperar rima ou ritmo na tradução: colocar “je reste” no fim da frase; colocar o verbo “créer” também no fim da frase. Trocou-se “fort cours d’eau” por “courant” por ser mais adequado.

Poema 8: Eu Fiz um Poema

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: Nessa versão, a pesquisa “mais aprofundada” girou em torno da palavra “adro”, que é por definição “Espaço que, aberto ou fechado, fica em frente ou ao redor de uma igreja; átrio, períbolo; [História] Cemitério no terreno de igrejas

antigas, geralmente antes da sua entrada, tendo este nome em razão do hábito de enterrar pessoas em frente às igrejas.” [fonte: <https://www.dicio.com.br/adro/>]. A escolha para tradução dessa palavra foi “parvis” que é “: Place ou cour située devant (la porte principale d’) un édifice religieux, en particulier d’une cathédrale ou d’une église, et qui, selon les religions et les époques, a diverses fonctions » [fonte : <https://www.cnrtl.fr/definition/parvis>]

Versão final : a pesquisa na versão anterior tinha sido bem completa. Na última versão a única alteração foi feita pensando no ritmo da versão original, trocou-se « ton rire chante » por « chante ton rire? »

Poema 9: O Poeta Canta a si Mesmo

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: Inicialmente, o título foi traduzido por “Le poète se chante”, mas ainda não é a tradução final. Outras opções serão testadas na próxima versão.

Versão final: Nas três primeiras estrofes, observamos que há uma relação rítmica possibilitada, principalmente, pelas palavras “perverso; verso; universo”. Na versão traduzida, foi possível reconstruir essa relação com as palavras “ pervers; vers; univers”. Na quarta estrofe, traduzindo “disperso” por “dispersée”, perde-se esse andamento. Para poder compensar, optou-se por trocar “divers”, na última estrofe, pelo seu sinônimo “varié”, e colocá-lo no final da frase.

Poema 10: O Poeta e a Ode

Primeira versão: Tradução automática

Segunda versão: Nessa versão, apenas algumas consultas de vocabulário foram necessárias.

Versão final: Na segunda estrofe da versão traduzida, nota-se mais a perda que houve no ritmo original, contudo observa-se que a rima entre “contida” e “medida” (primeira e segunda estrofe) foi “recuperada” na tradução com “contenue” e “mesure”. Optou-se por trocar “connaît” por “sait”, pois não haveria nenhum prejuízo ao contexto.